



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES – DLC
CAMPUS CURRAIS NOVOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL:
A ESCRITA NOSSA DE CADA DIA NOS DOMÍNIOS DA WEB

ISMAEL ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

CURRAIS NOVOS/RN
2017

ISMAEL ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL:
A ESCRITA NOSSA DE CADA DIA NOS DOMÍNIOS DA WEB

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus de Currais Novos, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e letramentos. Linha de Pesquisa: Teorias da linguagem e ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria de Oliveira Paz

CURRAIS NOVOS/RN
2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES
Currais Novos

Silva, Ismael André dos Santos.

Práticas de letramento digital: a escrita nossa de cada dia nos domínios da web / Ismael André dos Santos Silva. - Currais Novos, 2018.

86 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós - Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2018.

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz.

1. Letramento digital - Dissertação. 2. Crônica - Dissertação.
3. Escrita - Dissertação. I. Paz, Ana Maria de Oliveira. II.

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL:
A ESCRITA NOSSA DE CADA DIA NOS DOMÍNIOS DA WEB**

ISMAEL ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª Drª Ana Maria de Oliveira Paz

Aprovada em: 31 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Maria de Oliveira Paz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente – Orientadora

Profª Drª Risleide Rosa Freire de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Examinadora Externa

Prof. Dr. Alexandro Teixeira Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno

*Dedico este trabalho àqueles que me satisfazem
no melhor que sou como profissional: meus
alunos... e àqueles que me fazem quem eu sou:
meus mestres!!!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Todo Poderoso e Onipotente, por ser a razão da minha vida. Amigo de todas as horas. Somente a Ti, Senhor, eu temerei e darei toda a minha adoração e gratidão.

Aos meus pais, Luzia e Francisco: por todo amor, esforços, paciência, incentivo, amparo e orações. Foram exemplos de tenacidade, pois mesmo não tendo a oportunidade de estudarem quando jovens, jamais se abnegaram a me incentivar e mostrar os nobres valores do conhecimento.

À minha irmã Gisélia, minha vida seria deficiente sem você, eu seria um ser inacabado de amor e gratidão. Amo-te além da vida!!!

Ao meu sobrinho João Anael, razão de minha luta diária para que eu seja o mínimo de exemplo no seu caminhar... és um pedaço de mim, meu querubim!!!

A todos os colegas que mesmo a distância se fizeram presentes e autênticos amigos. Obrigado pelas atividades desenvolvidas, pela compreensão, pelas risadas, frustrações, ansiedades compartilhadas e por estarem comigo nesta caminhada. Muitas horas de estudos, de risadas, de amparo, de força para não desistirmos. Compartilhamos momentos de alegrias e decepções, porém essa etapa final nos mostrou que valeu a pena essa trajetória.

A todos os professores que foram substancialmente primordiais na minha formação, em especial as Professoras Valdenides Cabral e Maria Assunção de Medeiros pela tenacidade no ato de ensinar, de encorajar, de educar e ser exemplo... São rosas plantadas no meu jardim, que levarei até o fim...

À minha orientadora, Ana Maria de Oliveira Paz, mulher autêntica, aguerrida, um ser pacífico que ilumina, que faz brilhar o nosso caminhar quando já não enxergamos a

vereda a seguir... MUITÍSSIMO obrigado por todo carinho, apoio, compreensão e paciência nesta caminhada.

À Coordenação do PROFLETRAS, Campus Currais Novos, e à CAPES por nos oferecer esta imensa oportunidade.

E a todos os meus amigos e amigas que, simplesmente por existirem e fazerem parte da minha vida, já são indispensáveis para o meu sucesso. AMO E CUIDO DE CADA UM DE VOCÊS!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Sou um pouco de todos que conheci,
Um pouco dos lugares que fui,
Um pouco das saudades que deixei,
Sou muito das coisas que gostei.
Entre umas e outras errei,
Entre muitas e outras conquistei.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Em pleno século XXI em que se vivencia a era tecnológica e digital, a escola como a mais importante agência de letramento, formadora de agentes para exercer plenamente sua cidadania, precisa implementar novas práticas pedagógicas pautadas em pressupostos teóricos e metodológicos capazes de subsidiar os alunos a adentrar o domínio das novas tecnologias, de modo a construir conhecimentos e, conseqüentemente, saber agir diante das mais diversas situações de interação para atender às inúmeras demandas da sociedade pós-moderna. Nessa perspectiva, a partir de uma pesquisa-ação (THIOLENT, 1985), desenvolvida por meio de sequência didática objetiva-se possibilitar aos alunos a ambientação, a instrução e a utilização dos artefatos ligados ou não à *internet* com o intuito de inseri-los no âmbito do letramento digital. Para tanto, lança-se mão do gênero crônica como artefato pertinente aos eventos de letramento previstos para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do estado do Rio Grande do Norte. Teoricamente, a pesquisa proposta está embasada em fundamentos dos Estudos de Letramento (KLEIMAN, 1998; SOARES, 2000) e nos aportes que versam sobre o letramento digital (XAVIER, 2002; VALENTINI; SOARES, 2011, LEVY, 1999; COSCARELLI; RIBEIRO, 2005). No que diz respeito à sequência didática, apoia-se em aportes apresentados por Zabala (1998), Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), dentre outros. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem de dados de natureza qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986; DENZIN; LINCOLN, 2006). O processo de intervenção possibilita observar que há na informática ou, mais precisamente, nos domínios da internet, um potencial significativo de práticas de letramento que, se utilizado pelo professor, pode dinamizar as aulas e contribuir não apenas para a melhoria do desempenho do aluno, mas também inovar as atividades propostas pelo professor durante o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário introduzir novas tecnologias com cunho educativo para promover no alunado o contato com o computador conectado à internet, cujo acesso orientado pode se constituir em um artefato de grande valia para o aprendizado da leitura e da escrita com implicações positivas na atuação do discente nas demais disciplinas do currículo do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Letramento Digital. Crônica. Escrita.

ABSTRACT

In the 21st century in which we are experiencing the technological and digital age, the school as the most important literacy agency, forming agents to exercise fully its citizenship, needs to implement new pedagogical practices based on theoretical and methodological assumptions capable of subsidizing students to enter the domain of new technologies, in order to build knowledge and, consequently, know how to act in the most diverse situations interaction to meet the numerous demands of postmodern society. In this perspective, from an action research (THIOLENT, 1985), developed through didactic sequences, we aim to enable students to set up, instruct and use artifacts linked or not to the Internet with the intention of inserting them into the scope of digital literacy. To this end, we have used the genre chronicles as a material artifact pertinent to the literacy events planned for the students of the 9th grade of Elementary School in a public school in the interior of the state of Rio Grande do Norte. Theoretically, the proposed research is based on the foundations of Literature Studies (KLEIMAN, 1998; SOARES, 2000), in the contributions that deal with digital literacy (Xavier 2002, Valentini and Soares, 2011, Levy 1999, COSCARELLI, RIBEIRO, 2005). About the didactic sequence, it is supported by contributions presented by Zabala (1998), Schneuwly, Dolz and Noverraz (2004), among others. In terms of methodology, this is an action research, with data approach of a qualitative nature (LUDKE; ANDRÉ, 1986; DENZIN; LINCOLN, 2006). The intervention process made it possible to observe that there is a significant potential of literacy practices in computer science or, more precisely, in the domains of the internet, which, if used by the teacher, can dynamize classes and contribute not only to performance improvement of the student, but also to innovate the activities proposed by the teacher during the teaching-learning process. In this sense, it is necessary to introduce informatics with an educational purpose in order to promote in the student the contact with the computer connected to the Internet, whose targeted access can be an artifact of great value for the learning of reading and writing with positive implications in the performance of the student in the other disciplines of the Elementary School curriculum.

Keywords: Digital Literacy. Chronic. Writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 EMBARCANDO NOS CONCEITOS	15
2.1 NAS ONDAS DO LETRAMENTO.....	15
2.2 ANCORANDO NO LETRAMENTO DIGITAL	18
2.3 NAS ÁGUAS DA ESCRITA: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO PRÁTICA SOCIAL	22
2.4 UM MERGULHO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA	24
3 ORGANIZANDO O BARCO.....	26
3.1 ATRACANDO NA PESQUISA-AÇÃO	26
3.2 CARACTERIZANDO A PESQUISA	28
3.3 CENÁRIO DA PESQUISA	29
3.4 TRIPULANTES A BORDO (PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	30
3.5 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS	32
3.5.1 Questionário	33
3.5.2 Sequência Didática	33
3.5.3 <i>Blog</i>	34
3.6 <i>CORPUS</i>	37
4 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O LETRAMENTO DIGITAL: O CAMINHO PERCORRIDO E OS RESULTADOS OBTIDOS	38
5 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES.....	75
APÊNDICE A – Questionário socioeconômico para desenvolvimento de intervenção referente ao letramento digital de alunos do 9º ano.....	76
APÊNDICE B – Diagnóstico instrumental para aferição da problemática.....	78

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem falado da “era informacional”, da “sociedade digital” e de tantos outros termos que nos levam a conceber que há avanços no processo inerente à condição humana quanto ao uso da linguagem. Tal circunstância nos faz apropriarmos dos referidos termos como algo natural, pois a linguagem está diretamente ligada à comunicação, que é uma necessidade humana: informar algo a alguém. Assim, compreendemos que o ato de fornecer informações ultrapassa a história dos diversos tipos de tecnologias, desde a escrita, passando pelas invenções do jornal, do telégrafo, cinema, rádio, televisão e do próprio computador.

Esse processo histórico da evolução da linguagem e de seus respectivos meios sucedeu à proliferação de novos meios e formas tecnológicas no cotidiano, disseminando uma série de artefatos tecnológicos sociais: redes sociais, internet, smartphones, tablets, notebooks, dentre outros. Com a ajuda desses dispositivos cibernéticos, a comunicação chega às mais diversas pessoas e sociedades na velocidade da luz, fazendo compartilhar informações nunca antes vividas e/ou conhecidas, deixando o mundo acessível a todo aquele que estiver com um artefato conectado à internet.

Para compreendemos melhor a situação de acesso ao mundo digital no Brasil, a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 – PBM 2015, divulgada nos últimos dias de 2014, pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, informou que quase metade da população do país acessa a internet regularmente.

Em um ano, o percentual de pessoas que utilizam a internet todos os dias cresceu de 26% para 37%. Os usuários ficam conectados 4h59min em média por dia, durante a semana e 4h24min nos finais de semana.

Quanto à utilização da internet, 67% das pessoas usam para se informar – seja acerca de notícias seja acerca de informações de modo geral –, 67% para se divertir, 38 % para passar o tempo livre e apenas 24% para estudar.

Outros fatores relevantes são a escolaridade e a idade dos entrevistados, os quais impulsionam a frequência e a intensidade do uso da internet no país. Dos

usuários com ensino superior, 72% acessam a internet todos os dias, com uma intensidade média diária de 5h41min, de segunda à sexta-feira. Por outro lado, dos usuários que cursam até a 4ª série (5º ano), os números caem para 5% e 3h22min de acesso. Os jovens, conforme a pesquisa, são os usuários mais intensos das novas mídias, pois 65% dos usuários estão na faixa etária de 16 a 25 e se conectam todos os dias, com uma média de 5h51min durante a semana. Enquanto isso, os usuários com 65 anos ou mais são apenas 4%, ou seja, com 2h53min de acesso.

Os aparelhos celulares têm ganhado uma dimensão social muito relevante, pois, segundo a pesquisa, 66% dos entrevistados os utilizam para acessarem a rede, enquanto que o uso por meio de computadores é de 71%. Quanto às redes sociais, 92% dos internautas dizem utilizá-las. Dentre as mais acessadas, estão o Facebook, 83%, o WhatsApp, 58%, e o Youtube, 17%.

Mediante este cenário, compreendemos que a escola, como espaço social e formadora de indivíduos capazes de exercer plenamente sua cidadania, precisa incorporar novos hábitos, comportamentos e demandas, gerindo e propagando neste quadro de mudanças novas práticas de construção de conhecimentos que propiciem um aprendizado diferente, principalmente quanto ao uso e ao aproveitamento das tecnologias presentes no cotidiano dos discentes.

A prática pedagógica voltada para a discussão das tecnologias digitais se faz necessária, uma vez que complementa e possibilita melhorias na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Assim, nossa discussão se pauta na seguinte questão: Será que práticas de letramento digital inseridas no processo de ensino, no intuito de construir para a melhoria da aprendizagem dos alunos do 9º ano em termos de leitura e de escrita, gerariam reflexões sobre o uso dessa tecnologia como dispositivo capaz de romper concepções que negam a sua importância no contexto escolar, especialmente em aulas de língua portuguesa?

Nesse sentido, partimos do diagnóstico do nível de aptidão dos discentes quanto ao uso dos dispositivos ligados ou não à internet, como também ao uso das informações obtidas do mundo digital para a aquisição de conhecimentos escolares.

Observamos, por meio de estudo da linguagem, a execução de sequência didática no intuito de minimizar a não utilização desses recursos tecnológicos por parte

dos alunos, visando assim à inserção deles no mundo cibernético de forma ativa e efetiva, pois a língua se realiza no uso, nas práticas sociais, inclusive no domínio digital.

Assim sendo, estabelecemos como objetivo principal de nossa pesquisa analisar as contribuições de sequência didática pautada em práticas de letramento digital para o aprimoramento da escrita de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Em uma perspectiva mais restrita, objetivamos analisar a aplicação da sequência didática direcionada para o letramento digital na perspectiva de melhorar a escrita dos alunos; orientar os discentes quanto ao uso e ao aproveitamento das novas tecnologias para o seu aprendizado; conduzir os alunos a avaliar as contribuições do letramento digital implementadas para o seu desenvolvimento escolar; gerar reflexões capazes de romper concepções que negam a importância do uso dos artefatos digitais para o aperfeiçoamento do desempenho do aluno; e desenvolver produto (*blog*, *ebook*) no intuito de divulgar as atividades executadas pelo aluno durante a aplicação da sequência didática proposta.

Em meio a tais situações, a escola precisa aproximar, o máximo possível, suas práticas de uso da linguagem das práticas sociais de uso da linguagem. Quando voltamos esse olhar para a abordagem das tecnologias, compreendemos que é uma necessidade, visto que a cada dia é perceptível que jovens, e até crianças, têm acesso a uma gama de informações cada vez maior, popularizando o mundo cibernético.

Assim sendo, cabe à escola acompanhar e orientar os alunos em relação a essas inovações, pois as tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. Neste contexto, o papel do professor é ajudar o aluno a interpretar os dados, a relacioná-los, a contextualizá-los (MORAN, 2007).

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, temos a introdução, na qual situamos o leitor em relação ao uso de ferramentas digitais no espaço escolar. No segundo, discutimos teoricamente a respeito do letramento em seus mais variados conceitos. No terceiro, descrevemos os encaminhamentos metodológicos da pesquisa. No quarto capítulo, tratamos da aplicação e da análise dos resultados obtidos durante o processo. Por fim, na conclusão, retomamos pontos do que discutimos anteriormente e apresentamos os resultados, os quais consideramos satisfatórios em relação ao que nos propusemos discutir neste trabalho.

2 EMBARCANDO NOS CONCEITOS

Com a evolução rápida das tecnologias da informação e comunicação e o advento da internet se modificaram de maneira significativa as práticas de leitura e escrita na sociedade. O que se percebe no contexto atual é que não se concebe mais a leitura apenas de livros, revistas e jornais impressos, assim como também a escrita em suportes físicos, como cadernos, agendas e blocos. A leitura e escrita, na atualidade ultrapassam o mundo físico e se situam também no virtual.

A confluência de mídias e o advento da internet proporcionam nos dias atuais novas possibilidades de leitura e escrita. Tais possibilidades associadas ao mundo interativo modificam o processo de comunicação por meio do uso de diversas linguagens que mesclam palavras, sons, imagens e vídeos, tornando, assim, a leitura e a escrita cada vez mais dinâmicas.

Esse cenário possibilita o surgimento de um novo conceito de letramento, defendido por Soares (2002), o letramento digital. Segundo a autora, essa espécie de letramento consiste num conjunto de práticas de leitura e escrita mediadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

2.1 NAS ONDAS DO LETRAMENTO

Por meio dos usos da leitura e da escrita, os seres humanos efetivam suas práticas sociais. Isso é possível no momento que o sujeito se insere no mundo social ativamente, praticando ações a partir de suas habilidades que se refletem nos contextos sociais.

Assim, cada sujeito propaga um enunciado capaz de efetivar práticas sociais, ou seja, objetivando comunicar-se. Segundo Bakhtin (2003), todo enunciado é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros de discurso. Diante do exposto, percebemos o quanto as novas tecnologias colaboram para disseminação e surgimento de novos e diversos gêneros. Temos, assim, o letramento como ponte que liga a escrita ao seu uso social, um meio extremamente importante à efetivação de um

processo de ensino-aprendizagem significativo por meio de propostas inovadoras de ensino.

O termo letramento surgiu recentemente. Kato (1986) foi uma das pioneiras em registrar o “letramento” no Brasil. Conforme a autora, a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem institucionalmente aceita.

O sujeito é letrado quando é capaz de fazer uso da linguagem para o seu próprio crescimento cognitivo, atendendo às várias demandas de uma sociedade, afirma Kato (1986). Diante disso, o termo letramento passa a circular nos diversos discursos escritos e falados, principalmente por estudiosos das esferas linguísticas.

Para Kleiman (1995), por exemplo, o letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Mais tarde, a autora reformula o conceito passando a conceber letramento como práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita. Nessa reformulação conceitual, a autora acrescenta às práticas sociais de leitura e escrita os eventos nos quais tais práticas são efetivadas.

Soares (2003, p. 75) afirma que letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Dessa forma, compreendemos que o homem, como sujeito de linguagem, mediante as demandas sociais vivenciadas, faz usos de práticas sociais instituídas por eventos que envolvem a linguagem.

Barton (2007), por sua vez, aponta o termo letramento como uma definição dominante na sociedade na base escolar e ainda propõe dois componentes do fenômeno: os eventos e as práticas de letramento, o que reforça o que foi pontuado por Kleiman e Soares. Para tanto, o autor se baseia nos estudos de Street (1984), para quem os eventos de letramento seriam maneiras pelas quais cada cultura utiliza o letramento. Já as práticas são o que os indivíduos realizam quando participam de um evento de letramento.

Assim, a escrita exerce funções distintas na vida cotidiana dos sujeitos, constituindo eventos de letramento de toda espécie, fenômeno caracterizado pelas ações em que a leitura e a escrita fazem parte (BARTON, 2007). Inúmeros são os eventos de letramento que, diariamente, presenciamos e vivenciamos, partindo sempre do uso da escrita. Um exemplo disso é a homilia de um pastor que se utiliza de artefato escrito, ou seja, dos enunciados bíblicos, em situação de oralidade efetiva. Em outras palavras, é possível afirmar que mesmo nos eventos em que a oralidade predomina, há sempre implicitamente ou explicitamente subsídios dos artefatos escritos. Dessa forma, o estudo de diferentes práticas manifestadas pelos grupos sociais favorece a compreensão das várias formas de letramento (BARTON, 2007).

O letramento proporciona a valorização do mundo interno e externo do aluno, universalizando saberes na multiplicidade de práticas sociais. Dessa forma, ser um sujeito letrado ultrapassa a dimensão tão somente de alfabetização como aquisição da escrita. Letrar é dialogar com a realidade social que circunda os sujeitos, daí se afirmar que o letramento ocorre dentro e fora da escola, ou seja, nas mais diversas situações em que a leitura e a escrita se fazem presentes como demandas sociais.

Buzatto (2006), em referência às definições do termo, complementa dizendo que os letramentos têm sentidos específicos dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade desse grupo e, por isso, são diferentes em diferentes contextos socioculturais. Agir, afirmar, construir e sustentar uma visão de mundo partilhada por um grupo faz com que o letramento carregue traços identitários e significados compartilhados por esse grupo (BUZATTO, 2006).

A partir dessa exposição, compreendemos que, quando um sujeito aprende a ler e escrever, ele está propenso a agir em um determinado grupo social ou em vários grupos sociais, pois a linguagem é a ferramenta central de suas ações nas práticas sociais. Como sujeito letrado, qualquer indivíduo pode atuar consciente e criticamente nas diversas esferas e eventos de letramento, frente às várias demandas sociais apresentadas. Conforme Soares (2003), adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita tem consequências sobre o indivíduo e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e, até mesmo, econômicos. A introdução da escrita em

um grupo até então ágrafo, como exemplifica a autora, tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística.

Apreendemos, desse modo, que o sujeito letrado se habilita a interpretar e gerar informações oriundas de diferentes materiais escritos, inclusive englobando textos escritos no ciberespaço ou hipertextos. Nesses termos, o letramento se institui como um fenômeno plural, histórico e socialmente situado, tendo em vista os diferentes contextos em que podem ocorrer a leitura e a escrita.

Dada a diversidade de artefatos que envolvem os eventos de letramento, pode-se afirmar que o sujeito letrado consegue entender uma charge, uma piada, um anúncio de jornal, enfim, consegue se relacionar e se comunicar nos diversos contextos sociais e com os mais variados gêneros, interagindo com discursos escritos e orais que estão postos nos mundos que constituem o seu convívio social.

2.2 ANCORANDO NO LETRAMENTO DIGITAL

O letramento não é algo singular e enxergá-lo dessa perspectiva é esquecer que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinada a diferentes usos (OLIVEIRA, 2010).

Entendemos, como afirmam vários estudiosos, que o letramento tem um conceito plural, daí a denominação de letramentos. Segundo Street (1984), é mais apropriado referirmo-nos a “letramentos” do que a um único letramento, o que se justifica tanto no sentido de diversas linguagens, quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidades, conhecimentos e crenças, identidades e recursos utilizados pelos sujeitos no processo de interação.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que não há apenas um letramento. Há os letramentos escolar, familiar, religioso, midiático, acadêmico, digital, dentre outros. Como o último destes constitui o foco de nossa pesquisa, o mesmo terá, nesse trabalho, uma atenção mais significativa.

Com as novas tecnologias da educação, o termo letramento passa a ser abordado como práticas de leitura e escrita um tanto diferentes das formas tradicionais (XAVIER, 2002).

O uso de um dispositivo ligado à internet não é condição exclusiva do letramento digital, mas o uso de toda tecnologia da informática no cotidiano, que se efetivam por meios dos eventos, práticas sociais digitais que fazem usos de novas ferramentas de tecnologias. Para tanto, chegar ao letramento digital condiz uma base de aprendizado digital, que é uma das etapas necessárias que relacionam as habilidades iniciais inerentes com a utilização desses dispositivos. Para Takahashi (2000), o conceito está relacionado com a aquisição de conhecimentos básicos de informática, como o uso de softwares e a navegação na web, ou seja, ações operacionais relacionadas à informática.

Logo, orientar o sujeito digitalmente não lhe garante a inclusão digital. Para alcançá-la, é necessário inter-relacionar ações que deem ao sujeito possibilidades de partilhar dos mesmos direitos e deveres daqueles que já participam ativamente da cultura digital (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005). Para tanto, é necessário não apenas fornecer condições de conhecimento digital mas também entender a concepção de uso social, como sujeito competente, crítico e reflexivo dos recursos tecnológicos digitais, ou seja, que reúna competências referentes ao letramento digital.

Afinal, o que é letramento digital? Soares (2002) o denomina como um conjunto de práticas de leitura e escrita mediadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Essas práticas utilizam de códigos verbais e não verbais e apontam a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital.

Lévy (1999), por sua vez, conceitua letramento como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Este ciberespaço partilha de um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, constituindo um novo espaço de escrita dentro do contexto da cibercultura.

O autor ainda afirma que a Internet é como um grande oceano do planeta informacional, abastecido por vários rios que são as redes independentes de empresas, universidades, além de bibliotecas, televisão, entre outros. Assevera também que a tecnologia é condicionante, mas não é determinante. Para ele, a emergência do

ciberespaço favorece a evolução geral da civilização, que produz tecnologias dentro de cada cultura sendo essas tecnologias que condicionam cada sociedade.

Um dos principais motores da cibercultura, segundo Lévy (1999), é a inteligência coletiva. O ciberespaço, como dispositivo de comunicação interativo e comunitário, é um dos instrumentos privilegiados dessa inteligência, uma vez que esse espaço possibilita, por exemplo, que estudantes e pesquisadores de diferentes partes do mundo possam trocar ideias e compartilhar artigos, trabalhos e experiências. O autor explica que quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem, melhor é a apropriação das mudanças tecnológicas por indivíduos e por grupos, e menores são os efeitos de exclusão.

Nessa mesma perspectiva, Bolter (1991 apud SOARES, 2002) conceitua o espaço de escrita como o lugar físico onde se dá determinada tecnologia de escrita, sinalizando que esses espaços modificam-se conforme a evolução das sociedades e suas tecnologias, respectivamente.

Nas mais distintas áreas da sociedade moderna, presenciamos o avanço da cultura digital. A internet permitiu novas práticas de leitura e escrita e o ambiente virtual, por sua vez, modificou as práticas de escritas que antes eram feitas apenas no papel.

Nessa nova abordagem, os textos adquirem cada vez mais novas configurações. A respeito disso, Moraes (2007) aponta que a composição textual está cada vez mais calcada na mescla da escrita e da imagem, estando tais elementos fazendo parte de uma relação quase que indissociável. Essa junção advém da propagação tecnológica, que tem deflagrado, nos últimos anos, uma intensa adesão ao plano visual.

Esse contexto, marcado pela difusão tecnológica, tem provocado a efervescência de novos formatos textuais, visto que nele o texto assume a condição de multimodal, o que tem suscitado novas formas de produzir e ler os textos.

Com esses avanços, fica notória a postura diferenciada do leitor contemporâneo, do leitor virtual, visto que o primeiro se colocava unicamente diante daquele texto tipográfico e o segundo, com o texto digital, pode adentrar o mundo cibernético, podendo buscar e aferir informações da web, o que exige interpretação e

compreensão de textos muitas vezes composto por letras, símbolos, elementos sonoros, pictóricos etc.

Ao navegar na web, vamos interpretando e dando significados às informações. Dessa forma, o letramento digital não relaciona apenas a leitura e a escrita com o contexto digital, mas instiga o leitor a compreender alterações cognitivas e sociais, uma vez que o internauta pode ao mesmo tempo estar propondo, desenvolvendo, produzindo, absorvendo novas significações.

Assim, o letramento digital está relacionado ao uso dos recursos tecnológicos digitais em uma esfera social, de forma competente, atribuindo sentido e significado sobre o uso (VALENTINI; SOARES, 2011). Mediante essa perspectiva, o indivíduo letrado digitalmente usa dos recursos tecnológicos como meio de compreender, alterar e promover o contexto social em que está inserido, de forma a atuar como cidadão ativo e interativo.

Ser letrado no mundo digital não é somente aquele que usa somente um computador ou navega na internet, mas o sujeito que se utiliza dos diversos recursos digitais dando significados as suas ações, indagando o cenário digital e, acima de tudo, construindo compreensão sobre sua atuação no referido domínio.

Sendo assim, suas práticas na área precisam ultrapassar as esferas tecnicistas e mecânicas de uso e ganhar uma dimensão mais ampla que envolve o agir levando-se em conta aspectos sociais, políticos e culturais do campo digital, o que inclui capacidade crítica para questionar a veracidade das informações nele veiculadas.

A esse respeito, vale destacar que parte da população que utiliza as tecnologias digitais toma as informações vindas da web como verdadeiras sem contestar ou realizar uma apreciação anterior (HARGREAVES, 2004) de notícias, por exemplo.

Xavier (2002) pondera essa visão dizendo que o sujeito letrado digitalmente conta com a possibilidade de questionar informações oriundas da web, inclusive apontando equívocos. Para tanto, precisa ser ativo e efetivo em sua participação, o que o tornará competente no mundo digital, não sendo um mero espectador ou um sujeito controlado por essas tecnologias. Desse modo, o uso competente de ferramentas de pesquisa, a avaliação e a crítica do conteúdo da internet também são competências próprias do letramento digital (SHETZER; WARSCHAUER, 2000).

2.3 NAS ÁGUAS DA ESCRITA: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO PRÁTICA SOCIAL

Nas últimas décadas, é perceptível a mudança significativa nas concepções de aprendizagem e de ensino da língua escrita. Essa mudança se dá decorrente dos avanços que as ciências linguísticas obtiveram. Por exemplo, na década de 1980, as ciências linguísticas – a Linguística, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Linguística textual, a Análise do Discurso, áreas reunidas sob o rótulo da Linguística da Enunciação (MORATO, 2005) –, começam a ser “aplicadas” ao ensino da língua materna. Isso gerou novas concepções de língua(gem), de oralidade, de escrita, de texto e de discurso, reconfigurando, portanto, o “objeto” da aprendizagem de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, o “processo” dessa aprendizagem e desse ensino (SOARES, 1999, p. 51).

Nesse contexto, vale ressaltar que o princípio que regia o ensino da escrita – o de que a criança primeiro deveria se apropriar do sistema da escrita (partir das unidades menores, letra/silaba/palavra, para as unidades maiores, frase/oração/texto) – é substituído por um outro. Não é necessário primeiro apropriar-se completamente do sistema de escrita, mas durante o processo de aprendizagem a criança aprende a escrever agindo e interagindo com a língua. Diante disso, Soares (1999) afirma que os “erros” que os aprendizes cometem são considerados construtivos, isto é, indicam o processo de construção do sistema da escrita.

Esse cenário propicia um novo olhar para a aprendizagem da língua escrita, que, por sua vez, advém da concepção de que a linguagem ocorre no processo de interação verbal entre sujeitos. Assim, conceber a linguagem como forma de interação significa “entendê-la como um trabalho coletivo, levando em conta sua natureza sócio-histórica” (PERFEITO, 2007, p. 827). Para justificar essa nova visão, Travaglia (1996) assevera que a concepção de linguagem como meio de interação recebeu contribuições de diversas áreas do conhecimento, entre elas: a Linguística Textual, a Sociolinguística, a Semântica Argumentativa e, sobretudo, a Enunciação Dialógica do Círculo de Bakhtin.

A concepção de linguagem como forma de interação entre sujeitos também se pauta em Vygotsky (1991), para quem a linguagem tem a finalidade de comunicar, regradar comportamentos, planejar ações e generalizar conceitos e experiências. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2006) afirmam que a verdadeira realização da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, ou seja, a linguagem só é produzida na interação entre sujeitos; concebem, assim, a comunicação como um processo interativo, muito mais amplo do que a mera transmissão de informações. Para os autores, a linguagem é interação social.

De acordo com Koch e Elias (2010, p. 10), na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores. A linguagem se propaga e se realiza na interação com o outro. Se não houver interação, obviamente, não haverá linguagem. Sendo assim, os sujeitos são vistos como construtores sociais, pois é por meio da interação verbal, de diálogos entre os interlocutores que ocorrem as trocas e a construção de conhecimentos.

Segundo Geraldi (1984, p. 41), é por meio da linguagem que “o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam na fala”.

Entender a natureza social da linguagem, assim como seu caráter dialógico e interacional, significa compreender os gêneros como a materialização da interação entre os sujeitos que, por intermédio do uso da língua, elaboram formas mais ou menos estáveis de enunciados (os gêneros do discurso), os quais, segundo Bakhtin (1992), revelam a esfera social à qual pertencem: familiar, escolar, científica, política, entre outras, cada esfera social possui um discurso que lhe é característico, que a representa nas situações sociodiscursivas. Isso exige do falante da língua apropriação de conhecimento dos diversos gêneros discursivos para se tornar um usuário ativo da sua língua materna.

Nesse sentido, faz-se necessário oferecer ao aluno a oportunidade de se tornar real usuário da língua. Para que isso ocorra, cabe ao docente o dever de ensinar a

escrita como intervenção social, uma vez que os PCN (BRASIL, 1998) afirmam que a o ensino da escrita deve atender às múltiplas demandas sociais, responder a propósitos comunicativos, pois a escrita deve cumprir funções sociais que perpassam o contexto escolar, ultrapassando a aquisição do código e das regras gramaticais. Antunes (2005) lembra que escrever é uma atividade intencionalmente definida, em que cada texto cumpre um determinado objetivo. Desta forma, pode-se observar que escrever algo envolve, além das especificidades linguísticas, outras pragmáticas, culturais, cognitivas e discursivas.

2.4 UM MERGULHO NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

No ensino de língua, as sequências didáticas (SD) são constituídas como uma excelente e eficaz ferramenta pedagógica para o desenvolvimento das práticas de oralidade, de leitura e de escrita na sala de aula. Fruto dos estudos de Schneuwly, Dolz e Noverraz, em Genebra, as sequências didáticas se baseiam em um trabalho sistemático e procedimental. Para os autores, a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2004, p. 82)

O modelo criado pelo grupo de Genebra mostra que as atividades a serem realizadas são divididas por módulos, cada um deles com um objetivo diferente a ser alcançado. A quantidade de módulos não é determinada e fixa, ficando a critério do professor estabelecer esse quantitativo, afinal, eles existem na estrutura de uma sequência didática para atenuar as deficiências observadas pelo docente nas práticas de oralidade, leitura e escrita.

Ensinar um conteúdo, etapa por etapa, organizá-lo de acordo com os objetivos que se quer alcançar, envolvendo atividades de aprendizagem e avaliação, exige do professor um planejamento capaz de atender suas expectativas. Nesse ponto, é essencial usar o recurso da sequência didática, que é, conforme Zabala (1998, p. 18), “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo

professor como pelos alunos”. Esse instrumento permite que o professor possa intervir nas atividades elaboradas, introduzir mudanças ou novas atividades para aperfeiçoar sua aula e torná-la facilitadora no processo de aprendizagem.

A importância das SD nas aulas de Língua Portuguesa se dá ao permitir aos alunos um aprendizado efetivo e eficiente, principalmente dos gêneros textuais, levando-os ao domínio pleno da língua, já que é por meio dela que o ser humano se comunica, participa ativamente do meio social em que vive, expõe e defende suas ideias, adquire e constrói seus conhecimentos.

Nesse cenário didático, outros diversos saberes vão aos poucos sendo agregados e trabalhados na atividade sequenciada, à medida que a esquematização da SD exigir dos discentes novos conhecimentos que se fazem necessários ao longo do processo de ensino-aprendizagem. No ensino de Língua Portuguesa, uma sequência didática estará vinculada ao estudo de um gênero textual, discutindo desde a sua estrutura e propósito comunicativo até a produção final de um texto congênere, o que permitirá ao educando “escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 1999, p. 83).

Ao trabalhar de forma integrada para levar aos alunos o pleno domínio do uso da língua nas diversas situações sociocomunicativas do cotidiano deles, as sequências didáticas acabaram facilmente aceitas como prática de ensino de línguas, uma vez que não priorizam uma habilidade linguística específica.

Uma situação de rotina pode ser exemplificada por um professor que toma como ferramenta de ensino e de aprendizagem uma sequência didática, por meio da qual trabalhe leitura, escrita, oralidade, aspectos gramaticais da língua, discutidos e abordados de forma conjunta, levando os aprendizes a enxergar utilidade naquilo que eles estão trabalhando, afinal, “a produção textual é uma atividade que se situa em contextos da vida cotidiana e os textos são produzidos para alguém com algum objetivo.” (MARCUSCHI, 2008, p. 217).

No capítulo que se segue apresentamos os desdobramentos metodológicos que utilizamos para a aplicação da sequência didática.

3 ORGANIZANDO O BARCO

3.1 ATRACANDO NA PESQUISA-AÇÃO

O contexto central deste trabalho é a análise das contribuições de sequências didáticas apoiadas nas práticas de letramento digital. Para tanto, a pesquisa-ação é a proposta metodológica que, dentro do contexto pesquisado, caracterizado pelas problemáticas encontradas, melhor se situa nesta intervenção investigativa, buscando a transformação da realidade situada.

A pesquisa-ação, conforme Thiollent (1985), é conceituada como um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação a uma ação ou resolução de um problema coletivo. Sendo assim, os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo, como também são agentes participativos.

Como pesquisa social, esse tipo de pesquisa se configura em três momentos distintos: um momento de investigação, um de tematização e, por último, o de programação/ação, segundo Pinto (1989).

Esse tipo de pesquisa, associado aos Estudos de Letramento, faz do pesquisador um agente de letramento, ou seja, um sujeito ativo no processo de investigação. De acordo com Bortoni-Ricardo (2009, p. 15), nessa abordagem “a percepção de mundo tem de estar dissociada da mente do pesquisador que não se apresenta como sistema de referência”. Porém, sabemos que o pesquisador, como sujeito social, não é neutro, carrega em si valores, interesses e princípios que orientam o trabalho investigativo. Por isso, Bortoni-Ricardo (2009) assevera que não se pode observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes, por isso a compreensão do pesquisador está enraizada em seus próprios significados, visto que ele é um sujeito ativo neste processo.

Assim, a pesquisa em ambiente escolar geralmente tem cunho qualitativo e interpretativo, visto que na escola, por se constituir em um contexto social em que convivem diferentes sujeitos, também coexistem várias significações e percepções. Por

isso, a sala de aula é um espaço privilegiado para a condução de pesquisas qualitativas, que se constroem com base no interpretativismo, como diz Bortoni-Ricardo (2009).

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é um campo de investigação que se caracteriza por atravessar disciplinas, campos e temas, sendo possível propor a seguinte definição:

Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. [...]. A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Os referidos autores explicam ainda que a pesquisa qualitativa vai além dos dados quantitativos. Eles enfatizam que as qualidades das entidades, os processos e os significados não são passíveis de serem quantificados ou medidos por meio de experimentação. A investigação qualitativa ressalta a natureza como uma construção social da realidade, entende que há uma relação extremamente íntima entre o pesquisador e a realidade a ser estudada e que as limitações situacionais influenciam o processo de investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Para Marshall e Rossman (2006), a interpretação deriva dos resultados das pesquisas qualitativas, havendo um comprometimento maior com a compreensão do mundo subjetivo da experiência humana por parte do pesquisador, cujo foco se concentra nas ações, nas percepções e nos significados que os sujeitos conferem aos seus comportamentos e às suas experiências. O conhecimento produzido em pesquisas qualitativas não tem a intenção de ser neutro e nem normativo, uma vez que nesse paradigma não é possível pensar em um total distanciamento e nem na neutralidade do pesquisador (MARSHALL; ROSSMAN, 2006).

3.2 CARACTERIZANDO A PESQUISA

Há estudiosos, como Ludke e André (1986), que destacam algumas características básicas da pesquisa qualitativa: o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento neste ambiente; os dados constituídos são predominantemente descritivos; há preocupação com o processo em detrimento do produto; e os significados que os sujeitos atribuem às coisas e à vida é o foco de atenção do pesquisador. Desse modo “o estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.18)

A pesquisa qualitativa acaba se distinguindo pela preocupação em investigar os sujeitos inseridos contextualmente nos ambientes sociais. Atualmente, essa abordagem ocupa um lugar reconhecido entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem seres humanos, bem como as suas intrincadas relações sociais. Nesse contexto, os fenômenos investigados são mais bem compreendidos dentro das circunstâncias nos quais ocorrem, por isso o pesquisador vai a campo buscar entender o ponto de vista das pessoas envolvidas.

Assim, a abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa se justifica uma vez que o objetivo da análise é perceber as contribuições didáticas elaboradas por professor e alunos na vida social dos agentes envolvidos, não só nos resultados parciais como também finais.

Conforme mencionado, além da abordagem qualitativa, este trabalho segue a perspectiva da pesquisa-ação, uma vez que existe a ação por meio dos participantes da pesquisa inserida no mundo digital. Faz parte ainda como perspectiva a pesquisa narrativa, pois o blog (resultado final) será o registro pontuado de cada momento desenvolvido com os discentes, além dos grupos de discussão entre alunos e professor. Isso conota o trabalho numa perspectiva mista.

Os dados quantitativos, apesar de não serem os *corpora* principais no processo de análise deste trabalho, também são interpretados a partir do questionário socioeconômico.

Nesse sentido, faz-se necessário analisar o cenário, traçar o perfil dos responsáveis pelas ações a serem realizadas, visando a atingir os objetivos traçados. O foco é chegar aos resultados esperados.

3.3 CENÁRIO DA PESQUISA

A cidade de Ruy Barbosa localiza-se na microrregião da Borborema Potiguar, no estado do Rio Grande do Norte. Sua população constitui-se de 3.595 habitantes, segundo dados do Censo do IBGE 2010. A maioria (1.859) reside na zona rural, o que corresponde a 51,71 % e os demais (1.736), na zona urbana, o que representa 48,29%. Possui treze escolas públicas (06 paralisadas, 04 municipais rurais, 02 municipais urbanas e uma estadual) e uma privada.

O Colégio Municipal Professora Rita Juventina de Souza, localizado na Rua Manoel Nascimento, 148, Centro – Ruy Barbosa/RN, é a maior escola do município quanto ao número de alunos matriculados. Em 2015, foram 432 matrículas realizadas. A instituição oferece ensino fundamental I e II e EJA – Educação de Jovens e Adultos, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. O ensino fundamental II é ofertado nos turnos vespertino e noturno. Dessa forma, há duas turmas de 9º ano, sendo que a do turno vespertino foi a escolhida para a realização desta pesquisa devido está no turno diurno o que se destina a ter mais tempo para que as atividades fossem desenvolvidas num menor espaço de tempo.

A equipe diretiva é composta por diretor, vice-diretor e três coordenadores pedagógicos. No corpo docente, a escola dispõe de 26 professores. São três secretários escolar, quatro vigilantes, seis cozinheiras e seis funcionários de serviços gerais.

O Colégio não dispõe de biblioteca, há um espaço onde alguns exemplares de livros são guardados, mas sem estrutura física para torná-lo biblioteca. Há um laboratório de informática que funciona precariamente, pois nem todos os computadores funcionam, nem há uma adequação física ideal para o funcionamento. A escola também não dispõe de quadra de esportes, nem de um espaço adequado para as refeições. São seis salas de aulas, uma sala para atendimento de crianças

portadoras de necessidades especiais, uma secretaria, uma sala de professores, banheiros e um almoxarifado.

3.4 TRIPULANTES A BORDO (PARTICIPANTES DA PESQUISA)

Os alunos participantes da pesquisa cursavam o 9º ano do ensino fundamental, no Colégio Municipal Professora Rita Juventina de Souza. Dos 22 discentes da turma, 10 eram do gênero masculino e 12 do gênero feminino. Quanto à faixa etária, 45% tinham 13 anos até dezembro de 2015; 40%, 14, e 15%, 15 anos.

Como a escola está situada em zona urbana e há escola na zona rural no turno vespertino que oferece ensino fundamental II, a turma do turno vespertino tinham apenas alunos da zona urbana, sendo que 95% deles residem em casa própria dos pais e/ou responsáveis.

Frutos de um contexto socioeconômico bem difícil, os alunos tinham na sua estrutura familiar pais que, em sua maioria, possuem escolaridade que não contempla o ensino médio completo. Dada a pouca escolaridade, a maioria acaba assumindo ofícios de pedreiro, agricultor, vigia, mecânico, motorista, auxiliar de enfermagem, agente de saúde e dona de casa. Apenas um dos 20 entrevistados tinha a mãe com escolarização em nível de pós-graduação, que é professora da rede municipal de ensino.

Quanto à renda familiar, 5% dos entrevistados declararam não ter renda fixa, 35% têm renda per capita de até $\frac{1}{2}$ (meio) salário mínimo por família, 20% têm de $\frac{1}{2}$ (meio) a 1 (um) salário mínimo, 30% têm de 1 (um) a 2 (dois) salários mínimos, apenas 10% têm de 2 (dois) a 3 (três) salários mínimos por família.

Outro fator interessante apresentado no diagnóstico da realidade familiar dos alunos diz respeito à quantidade de membros que compõem a família e que vivem da renda citada anteriormente. 10% dos entrevistados vivem sozinhos com a genitora, 45% têm na composição familiar apenas três pessoas, 15 % têm quatro pessoas residindo em casa e 30% têm cinco pessoas na sua composição familiar.

No decorrer da discussão dos resultados desta pesquisa, os alunos participantes são identificados com os seguintes pseudônimos: Alice, Cebolinha, Batman, Chico Bento, Pato Donald, Peter Pan, Pinóquio, Pequeno Príncipe, Menino Maluquinho, Gato

de Botas, Mágico de Oz, Olívia Palito, Jasmine, Minie, Mulher Invisível, Barbie, Mulher Gato, Branca de Neve, Pequena Sereia e Narizinho.

Além dos alunos da turma participou também da investigação o professor Ismael André dos Santos Silva. O referido professor era residente no município de Ruy Barbosa/RN, graduado em Letras – Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela UFRN e mestrando do PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras), pela UFRN.

A constituição do seu eu profissional não está desvinculado do eu pessoal. Sendo assim, procuramos discorrer aqui sobre a vida do professor participante, pois as experiências de vida, nos seus diferentes contextos, influenciam as escolhas e ações no âmbito profissional.

Inicialmente, podemos destacar que Ismael André dos Santos Silva não chegou a se estabelecer como professor por acaso, uma vez que identificamos momentos cruciais na vida do professor, os quais influenciaram na escolha dessa profissão, além de nortear sua prática profissional. O professor, desde o início de sua vida escolar, ao passar por todas as instituições públicas, sempre teve um apreço muito grande pelas escolas onde estudou, em especial pelos seus professores.

Natural da cidade de Ruy Barbosa, filho de agricultores, de um pai analfabeto e de uma mãe semianalfabeta, a dura vida levada na zona rural fez o jovem refletir sobre a importância de estudar e lutar para mudar seu contexto social. Sempre foi bastante dedicado e responsável em suas obrigações, virtude repassada pelos seus pais que sempre o orientaram a estudar e se dedicar ao máximo para alcançar seus objetivos e o fazer reconhecer a escola como importante agência capaz de fornecer os subsídios que poderiam fazê-lo obter êxitos em suas trajetórias pessoal e profissional.

Iniciou sua vida estudantil aos seis anos e meio, indo diretamente para o ensino fundamental I, não passando pela educação infantil. Sua vida de estudante foi marcada inicialmente pela sua primeira professora que o alfabetizou. O jeito maternal e dócil de

tratar os alunos da docente marcou o menino sonhador despertando-lhe a vontade de ser professor.

Com o passar do tempo, as brincadeiras com sua única irmã era de fazê-la aluna e o seu papel era o de professor. Aos quinze anos, começou a lecionar. Por falta de oportunidades próximas e não tendo como se deslocar para os maiores centros urbanos, não conseguiu chegar à universidade para realizar o curso voltado para o magistério. Por isso, arriscou entrar em um curso de serviço social em uma instituição privada. A falta de recursos financeiros acabou impossibilitando-o de concluir o curso quando já estava no sétimo período.

Tempos depois, arriscou o vestibular a distância da UFRN, no campus Currais Novos. O curso almejado foi o de Física. Obteve êxito, mas dois anos depois, outra vez, por problemas financeiros, teve a vida acadêmica interrompida. Somente em 2009 entrou na UVA, no sistema de extensão universitária, conseguindo então êxito, e concluiu em agosto de 2012 o curso de Letras – Português, mesmo período que foi convocado para o cargo de professor na rede estadual de ensino.

Para aprimorar sua formação, o referido professor ainda ingressou no curso de especialização em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, tornando-se especialista na área. Em seguida, cursou especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, assim como na especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela UFRN, cursos que lhe forneceram o título de especialista nas respectivas áreas. No momento em que escreveu essa dissertação, o professor Ismael André encontrava-se cursando o PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras), pela UFRN.

3.5 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Nesta pesquisa, são utilizados questionários, sequência didática e o *blog* para geração de dados com o intuito de validar as informações geradas. Por fim, também constitui-se um grupo focal para discutir os resultados construídos e realizar a avaliação final do projeto.

3.5.1 Questionário

Visando a apresentar dados precisos e o perfil dos sujeitos participantes que fazem parte da pesquisa, utilizamos o questionário, uma parte bastante relevante neste processo, ou seja: “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”, de acordo com Lakatos e Marconi (2007, p. 203).

Utilizamos questionários com questões de natureza aberta e fechada. No questionário socioeconômico, as questões pressupunham fechadas, já no de diagnóstico inicial, lançamos mão de questões abertas e fechadas. As questões abertas proporcionam aos participantes a oportunidade de realizar reflexão e se tornarem mais livres para responderem as indagações levando em conta a sua realidade social e educacional, bem como suas próprias opiniões.

Deixamos claro para os participantes antes da aplicação do questionário o propósito do uso desse instrumental e as etapas a serem cumpridas durante a pesquisa. Com a ajuda do professor pesquisador, os alunos foram tendo as dúvidas sanadas quanto às perguntas elaboradas e conseguiram responder as perguntas a contento.

Outro fator relevante é que as questões constitutivas do questionário passaram por um pré-teste a fim de que pudessem ser identificadas possíveis falhas quanto à complexidade das questões, ambiguidades, perguntas supérfluas ou que pudessem causar quaisquer embaraços aos participantes, bem como se essas questões estavam dispostas de forma sequencial e se atingiam um número excessivo para a disponibilidade de tempo dos participantes.

3.5.2 Sequência Didática

Com base na pesquisa-ação, focaremos em sequência didática ministrada sob a ótica do letramento digital, a fim de analisar suas contribuições para o desenvolvimento dos discentes quanto à leitura e à escrita, visando a aprimorá-los no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Pasquier e Dolz (1996), o termo “sequência” refere-se à construção de oficinas de ensino-aprendizagem, uma série de atividades e exercícios que seguem uma ordem determinada para resolver, progressivamente, as dificuldades dos alunos.

Dolz e Schneuwly (1996, 1997) dão o nome de sequência didática ao conjunto de atividades e exercícios propostos pelo professor ao ensinar um gênero, pois acreditam que uma proposta de ensino-aprendizagem, organizada a partir de gêneros textuais, permite ao professor a observação e a avaliação da capacidade de linguagem dos alunos, antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática.

A sequência didática foi pensada a partir das circunstâncias de que deve ser realizada em um espaço de tempo relativamente curto e ter um ritmo adaptado ao programa escolar e às possibilidades de aprendizagem dos alunos. Assim, as atividades e os exercícios propostos foram planejados de forma variada com a finalidade de levar os diferentes alunos a distinguir o que já sabem fazer do que ainda devem adquirir. Pensado também a longo prazo, o ensino planejado em sequências didáticas deve permitir aos alunos um acesso progressivo e sistemático aos instrumentos comunicativos e linguísticos necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros orais e escritos, no caso desta pesquisa, sempre voltados ao contexto cibernético.

3.5.3 *Blog*

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi criado um *blog* no intuito de proporcionar a inserção de tecnologias digitais em sala de aula, por isso cada passo dado será cronologicamente escrito no ciberespaço.

Compreendemos conceitualmente, conforme Marcuschi (2010, p. 35), que “*weblogs (blogs, diários virtuais)* – são diários pessoais na rede: uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações”. O autor ainda assevera que são muito praticados pelos adolescentes como diários participativos, uma vez que permitem aos usuários a publicação de conteúdos na rede e, de forma simultânea, esperam que outros usuários comentem.

Segundo Harasim *et al.* (2005, p. 338), “as redes permitem que a educação se torne interinstitucional, expandindo imensamente o acesso de alunos e professores a recursos de informação e conhecimento especializado em todo o mundo”.

O *blog* é fruto dos recursos oferecidos pelos dispositivos ligados à internet e disponíveis por meio do acesso à internet, uma ferramenta que visa a uma ampla participação dos usuários da rede por meio de canais colaborativos, nos quais eles podem atuar como produtores de conteúdo, estimulando a autoria, a interatividade e a socialização.

As páginas do *blog* disponibilizam espaços para que os usuários escrevessem comentários e o leitor pudesse dialogar com o autor e vice-versa, concordando, discordando ou acrescentando alguma outra discussão ou elemento, como um *link* para outro *blog* que discutisse a temática abordada. Essa ferramenta incentiva a interação entre os usuários, diferenciando o ato de ‘blogar’ do ato de ‘navegar’, já que ao blogar o internauta não fica restrito ao traçar um percurso de leitura próprio que se baseia somente na escolha dos *links* que o autor disponibiliza. Porém, para que essa ação realmente aconteça, é necessário que o blogar seja “uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores” (PRIMO; RECUERO, 2003, p. 4). Por proporcionar e incentivar a interação e a colaboração, os *blogs* têm sido usados para diversos fins: pessoal, corporativo ou de entretenimento.

O *blog* pode ser um espaço de “integração de recursos semiológicos”, conforme Marcuschi (2010, p. 39), na proporção em que é possível inserir imagem, vídeos, áudios e linguagem escrita. Nos dias atuais, também ocupa um lugar de destaque no contexto educacional, o que pode ser comprovado pelos diversos blogs com fins pedagógicos.

Barbosa e Granado (2004, p. 69) corroboram com essa afirmação dizendo que “se há alguma área onde os weblogs podem ser utilizados como ferramenta de comunicação e de troca de experiências com excelentes resultados, essa área é sem dúvida, a da educação”. Gomes (2005) também afirma que, como “estratégia pedagógica”, os blogs podem assumir a forma de um portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração, de debate e integração.

Na área educacional, Silva e Albuquerque (2009) elencam cinco categorias de blogs: blogs de instituições educativas, voltados à divulgação do trabalho desenvolvido e à autopromoção; blogs de projetos educativos, destinados à produção e socialização de conhecimentos sobre temas específicos; e blogs de grupos de pesquisa, que são como ‘colégios invisíveis’ reunindo pessoas de comunidades científicas diversas para interlocução, articulação de suas pesquisas, divulgação, análise de resultados e avaliação de textos; blog de professores, utilizado para publicar orientações, textos, vídeos, imagens, animações, referências bibliográficas ou links; blogs de alunos, que funcionam como portfólios reunindo suas produções, as quais são utilizadas pelos professores como instrumentos de avaliação.

A última categoria descrita, ou o *blog* de alunos, é nosso foco neste trabalho. Escolhemos essa categoria por entendermos que o *blog* desenvolvido pode funcionar como um portfólio para sintetizar as produções dos discentes, mesmo tendo a coparticipação do professor. Oliveira (2008) enfatiza que a coparticipação do professor é relevante porque lhe possibilita desenvolver o papel de mediador na produção de conhecimento, já que ele tem um papel ativo de instigar os alunos às discussões por meio de comentários, potencializando a interação entre a classe; incentivar a escrita colaborativa, a autoria, o pensamento crítico e a capacidade argumentativa; estimular o aprendizado extraclasse de forma lúdica; desenvolver a habilidade de pesquisar e selecionar informações.

Por fim, é relevante ainda trazer o que Cotes (2007) e Von Staa (2005) mencionam como algumas vantagens e motivos para um professor criar um blog, dentre eles destacam-se: aproximar alunos e professores; permitir uma maior reflexão sobre o conteúdo e acerca de suas próprias colocações; ser um exercício de alfabetização digital tanto para o próprio professor quanto para o aluno; ampliar o horário da aula; permitir o acompanhamento das atividades dos alunos por pais e a troca de experiências com colegas de profissão. Marinho *et al.* (2009) acrescentam um novo motivo: criar um *blog* é uma boa estratégia para o professor inserir-se de forma ativa na rede.

3.6 *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é composto pelas respostas dadas pelos alunos participantes aos questionários aplicados, assim como pela participação do alunado no desenvolvimento da sequência didática proposta, o que inclui a produção do gênero crônicas, além da colaboração na constituição do *blog* proposto pelo professor, inclusive pelas respostas por eles geradas em grupo focal.

4 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O LETRAMENTO DIGITAL: O CAMINHO PERCORRIDO E OS RESULTADOS OBTIDOS

Neste primeiro momento, partimos da análise do resultado do questionário proposto anteriormente a sequência didática. Na verdade, a partir da aplicação do questionário e diante da análise realizada foi organizada a sequência didática para ser aplicada com os alunos participantes da pesquisa.

Inicialmente, foi perguntando aos alunos se eles fazem uso de algum tipo de dispositivo conectado à internet, 95% dos alunos entrevistados disseram que fazem uso de algum dispositivo, apenas 5% disseram que não utiliza qualquer dispositivo ligado à internet.

Os dados apresentados nesse primeiro momento nos deixaram mais entusiasmados ainda para seguir este trabalho. Daí, perguntamos: que tipo de dispositivo, por exemplo? Em respostas abertas, o celular foi mencionado por 65% dos entrevistados como dispositivo usado no acesso à internet, acompanhado do computador com 20%, notebook e tablete 10% e outros 5%.

Porém, quando realizamos uma pergunta fechada, encontramos os seguintes dados.

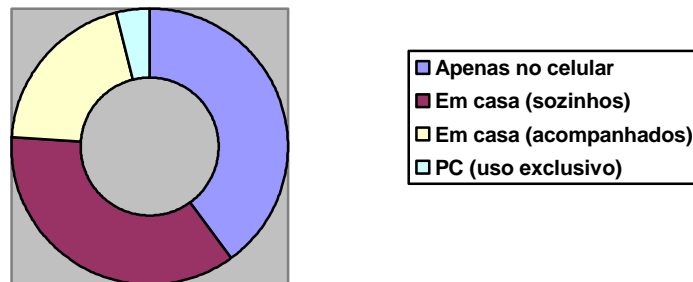
O local de acesso à internet mais citado foi “em casa”, com 50%, seguido de “na casa de familiares ou vizinhos” e “em locais públicos, por wifi” com 30% cada um. Foram citados ainda: “em lan houses”, 15%; “no laboratório de informática da escola”, 5%.

Quando perguntados se faziam uso do celular em sala de aula, apenas 10% disseram que sim. Os demais, ou seja, 90%, disseram não fazer. Uma observação importante é que esse percentual pode não ser real, uma vez que há na escola a proibição do uso do celular em sala de aula. Isso diz respeito à proibição não respeitada pelos alunos. Com medo de represália, apenas 10% disseram usar, possivelmente, o número é bem maior.

Dos entrevistados, 50% acessam a internet apenas no celular, outros 45% afirmam que acessam em casa sozinhos, mesmo dividindo com outras pessoas. Foi

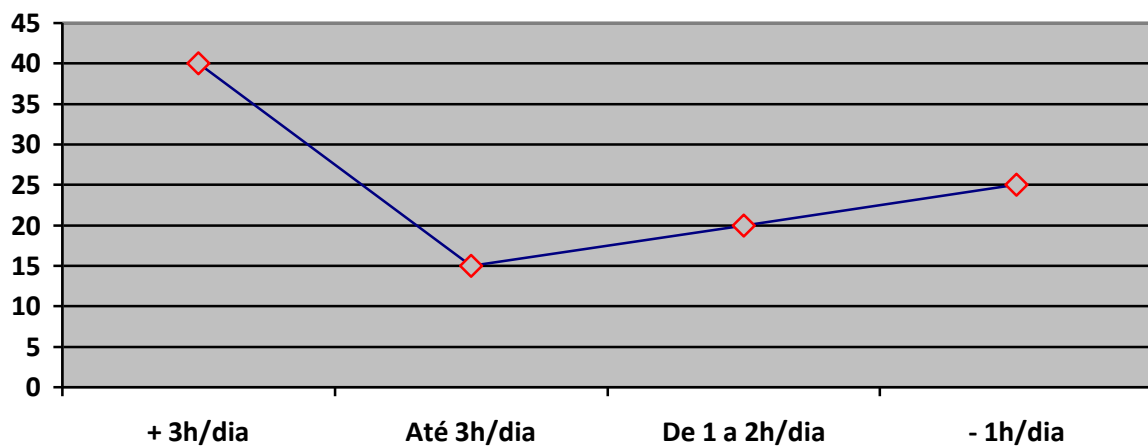
registrado ainda na pesquisa que 25% acessam acompanhados de irmãos ou amigos. Apenas 5% têm computadores de uso exclusivo.

Gráfico 01



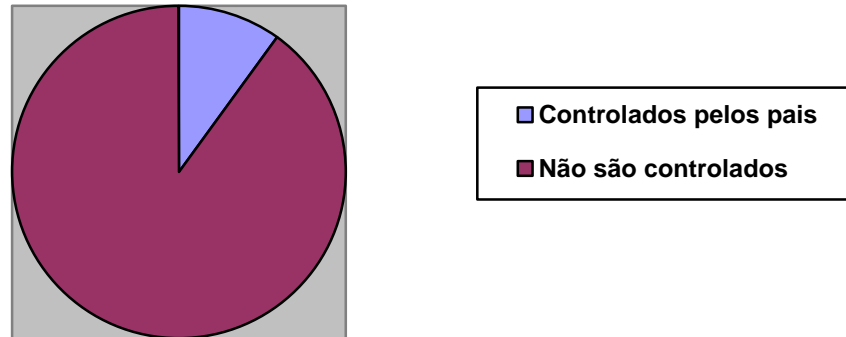
Dos alunos entrevistados, 40% disseram que passam mais de três horas por dia acessando a *internet*; 15% afirmaram que acessam até três horas, enquanto 20%, de uma a duas horas; 25% responderam que passam menos de uma hora por dia. O gráfico a seguir representa os dados pesquisados.

Gráfico 02



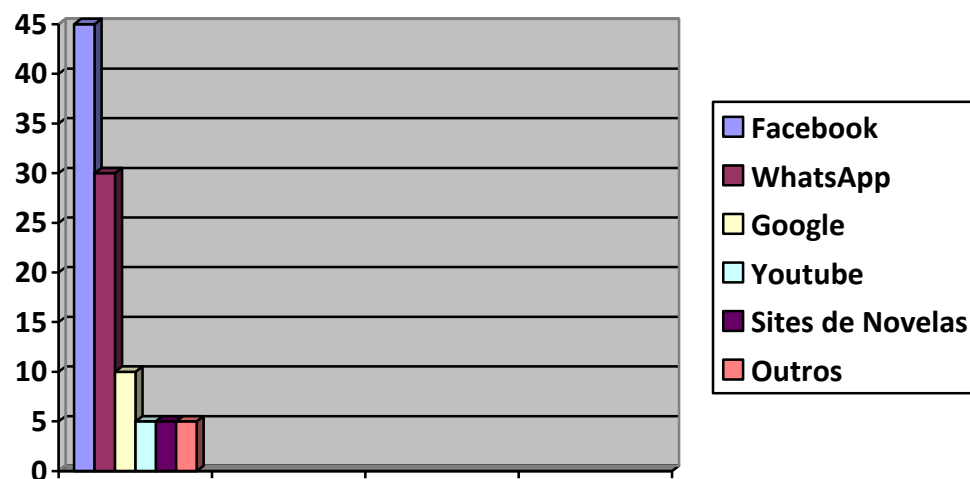
Perguntamos aos entrevistados se o tempo que eles passam na internet é controlado por seus pais/responsáveis: 90% afirmaram que não são controlados.

Gráfico 03



O Facebook é o mais acessado dentre as redes sociais mencionadas pelos entrevistados, com o percentual de 45%, o Google foi apontado com 10%; o WhatsApp, com 30%; o Youtube, com 5%; os sites esportivos e de novelas, com 5%; outros (Palco MP3, Twitter, Wikipidia), com 5%, cada um.

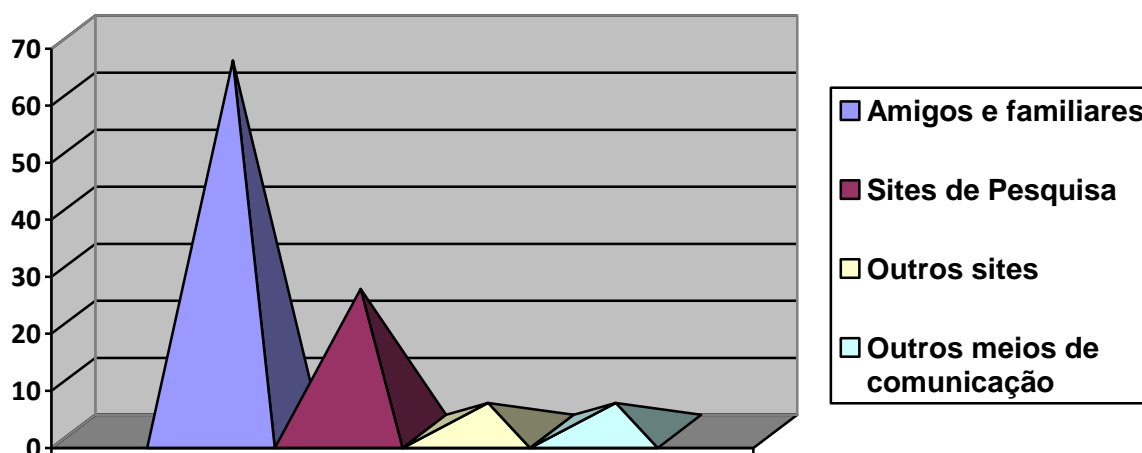
Gráfico 04



A indicação de amigos e familiares foi mencionada por 65% dos entrevistados quando perguntados por meio de que/quem tiveram acessos aos sites visitados. Os

sites de busca e pesquisa ficaram com 25%. Os entrevistados que informaram conhecer por meio de outros sites foram 5% e por outros meios de comunicação, 5%.

Gráfico 05



Para ampliar a pesquisa, elaboramos algumas perguntas que possibilitam de forma minuciosa e precisa a opinião do entrevistado. Perguntamos se eles concordam que os dispositivos conectados à internet auxiliam no aprendizado dos conteúdos escolares e solicitamos que, de forma sintetizada, justificassem as suas respostas. Todos os entrevistados disseram que sim, que concordam que tais dispositivos favorecem a aprendizagem e, para justificarem, pontuaram a importância deles na construção do conhecimento. A aluna Cebolinha foi enfática: “Sim. É um meio de ter conhecimento fácil. É como se fosse um grande livro e o que precisamos saber é só digitar que aparece nos sites de pesquisas”. Por sua vez, Narizinho afirmou: “Porque se torna mais fácil ter acesso a pesquisas e outras coisas que os professores não trataram em sala de aula”.

Os alunos deixaram claro nas suas assertivas que o uso das mídias conectadas à internet é um dos recursos que favorecem a aprendizagem, por isso é algo imprescindível no mundo moderno, cabendo a escola e mais precisamente ao professor usar de tais recursos para ampliar o processo de ensino-aprendizagem.

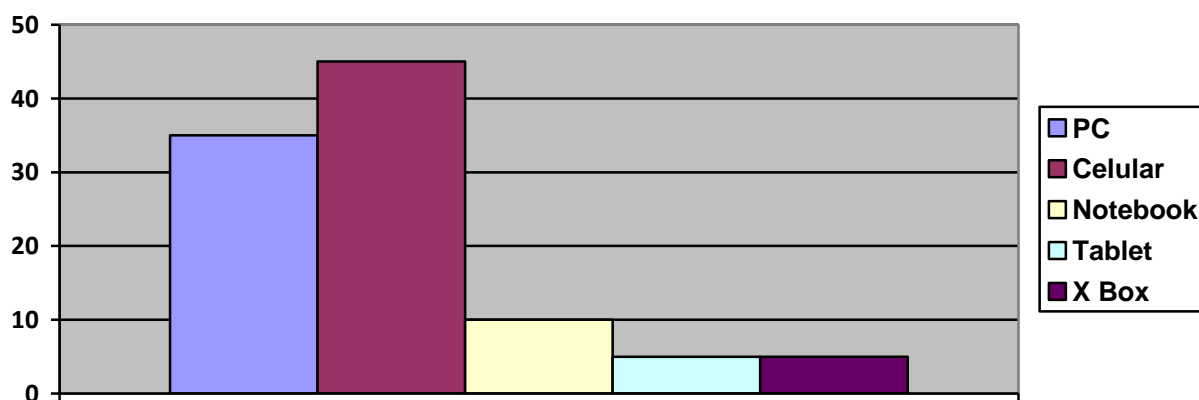
Os entrevistados ainda explicaram como utilizam as informações veiculadas pela internet para o seu aprendizado escolar. As respostas foram bastante significantes.

Chico Bento, por exemplo, respondeu: “com as pesquisas, tirando dúvidas, buscando mais informações sobre o assunto passado pelo professor”. Outros alunos disseram usar as informações para pesquisas, informações e até cursos online.

Dos alunos pesquisados, 80% disseram não sentir dificuldades em utilizar os dispositivos conectados à internet a favor de sua aprendizagem. Os demais justificaram suas dificuldades no ato de digitar, em pesquisas de tradução e em baixar aplicativos no notebook. Porém, os que sentem dificuldades, não sabem precisamente explicar a que se deve de fato tais dificuldades. Apenas um entrevistado mencionou que é falta de ensino (cursos de informática) no manuseio dos dispositivos.

Indagamos quais dos dispositivos são úteis para o desempenho deles nas tarefas escolares: o computador foi eleito por 35% entrevistados como o dispositivo mais útil, acompanhado do celular (45%), Notebook (10%) Tablets (5%) e X Box (5%), conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 06



Ao longo da elaboração do questionário, pontuamos as opiniões dos alunos quanto ao ato de observar a frequência com que os dispositivos conectados à internet são utilizados nas práticas escolares. Metade dos entrevistados, ou seja, 50% disseram que quase nunca e/ou que é muito raro ver o uso dos dispositivos em sala de aula nas práticas escolares. Houve entrevistado asseverando que a escola tem proibido o uso desses recursos, o que mostra a necessidade de um trabalho voltado para implementação de uma nova face cultural tecnológica na escola. Outros 30% afirmaram

que de vez em quando se usa e 20% disseram que sempre que necessário vê o uso dos recursos tecnológicos nas práticas escolares.

Diante disso, questionamos: o que justificaria o uso ou o não uso de dispositivos conectados à internet em atividades de sala de aula por parte dos professores? O aluno Pequeno Príncipe asseverou: “poucos professores usam. Faltam internet e dispositivos”. Em todas as respostas, o termo “falta internet” foi citado e mais de 50% dos entrevistados disseram faltar dispositivos por parte da escola para que os professores façam uso.

Em seguida, procuramos saber dos entrevistados o que poderia ser feito na escola para orientar o uso dos dispositivos conectados à internet em prol da aprendizagem dos alunos? A aluna Olívia Palito disse: “falta interesse da direção da escola em fazer o laboratório de informática realmente funcionar, aumentar a velocidade da internet para acesso nas salas de aula”. Mais da metade dos alunos disseram que faltam cursos de informática, inclusive para professores.

Esses dados possibilitam a análise de que, nos últimos tempos, o mundo digital invadiu a vida cotidiana dos seres humanos de tal modo que, como asseveram Marcuschi e Xavier (2004): “o computador será nos próximos anos uma necessidade tão fundamental como a geladeira, o fogão ou a escova dental”. Essa amplitude se torna maior quando a direcionamos ao uso da internet e, principalmente, de celulares smartphones. Virou uma febre social que disseminou um espaço genuinamente humano de práticas sociais.

Utilizar de uma dicotomia entre esses artefatos tecnológicos e o processo de ensino-aprendizagem é deixar de lado uma dimensão social que corrobora para o desenvolvimento econômico, histórico e social das pessoas. Entender o fenômeno da comunicação digital é entender o porquê de a internet gerar múltiplas faces de uso da linguagem, suscitando novos gêneros e modificando ou adequando socialmente novas maneiras de interação.

Considerando esse contexto, nossa primeira aula focou em mostrar as referidas justificativas dimensionando a importância da informática na vivência cotidiana. Esta situação inicial se fez ainda necessária, uma vez que é tido como um mito a possibilidade de incorporar a utilização de artefatos digitais ao ensino de língua

portuguesa. Essa perspectiva é ressaltada pelos PCN (1998), cujas orientações evidenciam que a discussão sobre a incorporação das novas tecnologias na prática de sala de aula é muitas vezes acompanhada pela crença de que elas podem substituir os professores em muitas circunstâncias.

Reafirmando isso, Santos (2016) ressalta que, diante do surgimento de uma nova tecnologia, a primeira atitude é de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais e a escola, por sua vez, acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após essa inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006, p. 465) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma às práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido.

No ensejo do medo, tivemos de quebrar barreiras para adentrar a conjuntura entre tecnologia versus fazer pedagógico, tanto por parte da direção da escola, quanto por parte dos alunos que, apesar de gostarem de estar em outro mundo (digital), estavam apreensivos no que iam apreender e como correlacionar aquele conhecimento aos conhecimentos de linguagem construídos no cotidiano das aulas de língua portuguesa.

A importância de compreender que o ensino da informática atrelado às disciplinas da matriz curricular, faz-se necessário, a partir do momento que precisamos de conhecimento em *softwares* para a vida em sociedade. Assim, diante de tanta modernidade tecnológica, percebemos a necessidade de inserir a informática no contexto educacional em diversas disciplinas a fim de construir conhecimento para o uso das diversas ferramentas e linguagens tanto na escola, quanto no cotidiano, (LACERDA, 2012).

Seguimos o passo a passo da SD de tal modo que fomos criando mecanismos: ministrando aula de informática básica paralelamente às aulas de Língua Portuguesa, construindo um minicurso de informática para explicar cada parte de um computador, bem como as suas funções essenciais no dia a dia.

A informática, nos últimos tempos, vem adquirindo cada vez mais relevância na vida das pessoas. Isso se deve à sua utilização diária, já vista como instrumento de aprendizagem, e sua ação no meio social, que vem aumentando de forma rápida entre

as pessoas. A cada dia, cresce o número de famílias que possuem em suas residências um computador ou dispositivos tecnológicos. A geração infantojuvenil dificilmente não conhece um artefato tecnológico, principalmente ligado à internet. O que se sabe é que estas ferramentas estão auxiliando e mostrando a sociedade um novo jeito de apreender e ver o mundo.

Nos dias atuais, é possível, por exemplo, encontrar o computador nos mais variados contextos sociais, seja no campo empresarial, seja acadêmico, seja domiciliar, ele veio para inovar e facilitar a vida das pessoas. Não se pode mais fugir desta realidade tecnológica. Sendo assim, é notório que a educação não pode ficar para trás, vislumbrando aprendizagem significativa por meio de tecnologias. As escolas precisam sofrer transformações frente a essa “nova tecnologia” e assim constituir uma aprendizagem inovadora que possa levar o aluno a se sentir como um ser globalizado capaz de interagir e competir com igualdade na busca de sua formação social e cidadã.

Outro fator relevante nesse processo é que o uso da comunicação por meio tecnológico avançou na mesma proporção, o que exige dos internautas uma maior formação do ato de escrever, afinal, com a inclusão digital, o acesso à informação se tornou muito mais fácil, podendo as pessoas em qualquer lugar se comunicar e lidar com a leitura e escrita nas diversas interfaces tecnológicas.

Assim, o ensino por meio da tecnologia acaba sendo uma necessidade, pois as crianças do século XXI “nascem” plugadas aos computadores, ficam mais interessadas em assistir as aulas quando esses aparelhos estão envolvidos, o que comprova que a tecnologia também é capaz de encorajar o ensino e mudar a realidade da defasagem na qualidade da educação pública brasileira.

Afinal, as escolas devem introduzir em seu currículo o ensino de informática? Que professores poderiam dar essas aulas? O que ensinar nas aulas de informática?

O que sabemos é que há na informática um potencial enorme de melhorar e inovar o processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário, por isso, introduzir a informática com cunho educativo para promover no alunado o contato com o computador, além de tê-lo como instrumento de apoio nas disciplinas e nos conteúdos lecionados, em especial na aquisição da leitura e na proficiência e desenvolvimento da escrita.

Portanto, vivemos em um mundo tecnológico em que a informática não pode ser vista meramente como “mais uma tecnologia”. É uma “nova tecnologia” que oferece transformação pessoal, além de favorecer a formação tecnológica necessária para o futuro do educando na sociedade. Dessa forma, precisamos entender a Informática não como uma ferramenta neutra que usamos simplesmente para apresentar um conteúdo, mas ter a percepção de que, quando a usamos como conhecimento, estamos sendo modificados por ela e nos transformando em pessoas melhores e mais capacitadas.

A informática possibilita a realização de uma variedade de ações, como se comunicar, fazer pesquisas, redigir textos, criar desenhos, efetuar cálculos, entre outras. Essas utilidades e esses benefícios no desenvolvimento de diversas habilidades fazem das novas tecnologias, atualmente, um importante recurso pedagógico. Não há como a escola atual deixar de reconhecer a influência da informática na sociedade moderna e os reflexos dessa ferramenta na área educacional.

O uso do computador na educação torna possível ao professor e à escola dinamizarem o processo de ensino-aprendizagem com aulas mais criativas, mais motivadoras e que despertem, nos alunos, a curiosidade e o desejo de aprender, conhecer e fazer descobertas.

Conforme explicam Grégoire *et al.* (1996 *apud* COSCARELLI, 1998):

A aprendizagem que está sendo examinada à luz das novas tecnologias refere-se a línguas, matemática, ciências humanas e naturais, artes [...] assim como habilidades intelectuais que estão associadas com essas várias matérias: habilidade de construir para si mesmo uma imagem mental da realidade, de raciocinar, de fazer julgamentos, de solucionar vários tipos de problemas, de inventar etc. Essa aprendizagem é também, por exemplo, o desenvolvimento de independência pessoal e responsabilidade, assim como várias habilidades sociais e de conduta.

As construções de novas habilidades e novas formas de comunicação surgem quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem dentro do cenário escolar, assinalando competências e atitudes significativas. Sendo assim, a educação sob o ponto de vista da aprendizagem transforma o conhecimento em cooperação e

criatividade, estimulando a liberdade e a coragem para transformar o aprendiz em protagonista da sua aprendizagem.

Voltando esse olhar para o uso das tecnologias, entendemos que, de acordo com Valente (1993 *apud* SANTANA, 2008), faz-se necessário que os professores adotem as novas tecnologias em suas práticas pedagógicas, superando barreiras técnicas e pedagógicas em relação ao uso de novas tecnologias como ferramentas de ensino-aprendizagem. O uso delas deve ser utilizado como uma forma de acelerar as mudanças no paradigma educacional, promovendo a aprendizagem ao invés do ensino, colocando o controle do processo de aprendizagem nas mãos do aluno, auxiliando o professor a entender que a educação com a tecnologia faz parte de um processo de construção do conhecimento.

Nas relações humanas, podemos observar como a informática, sobretudo com a internet, faz com que várias pessoas dediquem horas diárias à busca e à troca de informações, ao entretenimento e à realização de diversas atividades por meio das novas tecnologias. Há pessoas que fazem desses artefatos substitutos das suas relações interpessoais. Todavia, não podemos ignorar que as novas tecnologias estimulam e otimizam os processos criadores humanos, além de aproximar pessoas, desprezando distâncias por meio da internet.

Assim, podemos dizer que a aplicação desses conhecimentos e práticas de ensino, seja em que âmbito for, é fundamental para que se acompanhe o dinamismo das atividades humanas contemporâneas, grandemente influenciadas pela presença marcante da tecnologia. Por isso, a utilização desses recursos no ensino fundamental é de grande importância na sua sobrevivência como agentes de inserção e integração social, visto que muitos estudantes vivem de perto essa realidade tecnológica.

Tajra (2000) ressalta essa importância da tecnologia computacional na área educacional afirmando:

[...] é indiscutível e necessária, seja no sentido pedagógico, seja no sentido social. Não cabe mais à escola preparar o aluno apenas nas habilidades de linguística e lógico-matemáticas, apresentar o conhecimento dividido em partes, fazer do professor o grande detentor de todo o conhecimento e valorizar apenas a memorização. Hoje, com o novo conceito de inteligência, em que podemos desenvolver as pessoas em suas diversas habilidades, o computador aparece num momento bastante oportuno.

Assim, a incorporação das novas tecnologias de comunicação e informação na escola resulta em um processo contínuo de mudança, uma vez que as atualizações tecnológicas são constantes e rápidas.

Nas aulas ministradas, detalhamos a informática básica: conceituamos *hardware* e *software*, periféricos de entrada e de saída e os acessórios que compõem o computador. Explicamos e exemplificamos ainda o que são *bits* e *bytes*.

Iniciamos fazendo algumas perguntas aos alunos: O que você entende por informática? Onde a informática está presente nos dias de hoje? Qual a importância das novas tecnologias no cotidiano? Que artefatos tecnológicos você usa no seu dia a dia? Deixamos os alunos a vontade para responderem que foram sistematizando suas respostas apoiadas em exemplos práticos do cotidiano, como exemplo, o uso rotineiro do celular como ferramenta de comunicação social e de uso acadêmico também.

Em seguida, explicamos para eles que a informática é a ciência que estuda o tratamento automático das informações (ou dados); que dados são toda informação passada ou recebida do/ou para o computador. Ministramos com clareza a utilidade do computador, mostrando (desmontamos um computador antecipadamente) os componentes do PC e suas funções.

Ao longo desse momento, foi possível ver como os alunos estavam estarecidos de alegria em poder aprender e adentrar no mundo tecnológico, citando sempre, numa linguagem usual, o conhecimento adquirido, como se tivessem conhecimento profundo da temática. Com isso, pudemos observar, conforme postulam Marcon *et al.* (2009), que os processos comunicativos devem ser a base de sustentação dos processos educacionais. Nesse sentido, a escola, como agência de letramento, deve proporcionar práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e preparados para atuar digitalmente frente às demandas da sociedade contemporânea.

Tratamos ainda na primeira aula da SD os perigos causados pelos vírus cibernéticos que podem comprometer a segurança dos usuários que acessam à internet assim como o funcionamento dos equipamentos que utilizam para o referido acesso. Mostramos aos alunos que assim como precisamos de segurança no dia a dia para podermos exercer o direito de ir e vir, no mundo virtual não pode ser diferente, daí a importância da precaução.

Na aula seguinte, apresentamos os fundamentos necessários do sistema operacional (*software*), seus recursos, suas ferramentas mais básicas de utilidade do cotidiano. A cada aula ministrada observamos o quanto é relevante o ensino de informática num trabalho interdisciplinar na escola, afinal, como assevera Borba (2001), o acesso à Informática deve ser visto como um direito e, portanto, nas escolas o estudante precisa usufruir de uma educação que no momento atual inclua, no mínimo, uma alfabetização tecnológica.

De fato, o processo de ensino de informática básica atribui uma significação alfabetizadora, porém, esta alfabetização deve ser vista não como um curso de informática, mas, sim, como um aprender a ler essa nova mídia (BORBA, 2001). No desenrolar das aulas, fomos pausadamente mostrando ao alunado que as novas tecnologias podem estar inserido em atividades essenciais, como aprender a ler, escrever, compreender textos, entender gráficos, contar, desenvolver noções espaciais, dentre outras. Desse modo, a informática na escola passa a ser parte da resposta a questões ligadas à cidadania.

Ao longo desse processo, fica nítido também o papel do professor em dimensionar a relação das aulas de informática com o ensino de Língua Portuguesa, para que os discentes tenham noção dessa sincronia e compreendam a importância nesse enlace pedagógico, além de criar situações que ilustrem e formalizem as informações recebidas de modo que possa ser transformada em conhecimento e esse conhecimento possa ser aplicado corretamente na resolução de problemas significativos para o próprio aluno.

Trabalhamos paralelamente com a temática: “a importância das TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação no contexto escolar”. Produzimos textos dissertativos numa visão conceitual do que foi estudado levando em consideração o cenário vivido. O uso do gênero textual crônica na sequência do planejamento foi crucial para ampliarmos esses laços.

Apresentamos o gênero crônica à turma levando diversos exemplares desses gêneros para socialização assim como um texto teórico contemplando a estruturação de uma crônica. Depois de concluir a aula expositiva, pedimos aos alunos que produzissem em dupla uma crônica. A crônica a seguir foi resultado desse primeiro

momento.

quinta-feira, 5 de maio de 2016

TEIMOSIA (Lorena Alves e Maria Núbia Barbosa)



Fernando se sentia vitorioso. Depois de tanto insistir, esperar, chorar, seus pais haviam cedido e lhe dado um cachorro, em seu aniversário de onze anos. Ele sempre soube que acabaria ganhando o cachorro. Quem seria capaz de resistir ao rostinho pidão daquele garoto?

Em duas semanas, o menino e o cão viraram melhores amigos. Daqueles bem grudados.

O amor era tanto que Fernando teve uma de suas intermináveis crises de birra, porque sua mãe não o deixou dormir com ele. Por que as mães tem que ser tão impacientes? Mais uma vez, venceu a opinião do garoto que parecia ter nascido com o dom de não ouvir os pais ou até

crises de birra, porque sua mãe não o deixou dormir com ele. Por que as mães tem que ser tão impacientes? Mais uma vez, venceu a opinião do garoto que parecia ter nascido com o dom de não ouvir os pais ou até mesmo de ganhar pela birra.

Foi numa bela tarde de sábado que, Fernando decidiu passear com seu grande e saudável labrador. A mãe sábia disse que não era uma boa ideia, um menino franzino como aquele saísse por aí com aquele cachorrão, que ele era muito agitado e ia dar problema. Fernando fez pouco caso. De que adianta ter um cachorro e não exibi-lo por aí? As mães nunca sabem de nada.

Foi todo facieiro até o parque, arrastava o animal com dificuldades. Na hora de ir embora, um pequeno deslize causou o desastre: Fernando olviou o puxão da coleira no exato momento em que um gato de rua passou correndo. Não deu outra: o cão desembestou atrás do gato e, Fernando desembestou atrás do cachorro.

Quem via aquela situação cômica, nem imaginava o desespero de Fernando, correndo por todo o parque, enlouquecido. Não podia voltar para casa sem seu cachorro, seu melhor amigo. E o esporro que ia levar da mãe? Nem pensar. O pensamento da mãe lhe esfregando na cara que estava certa, de que sempre esteve, o despertou. Correu mais rápido ainda e finalmente alcançou o cachorro, que batia chateado. Ao chegar em casa todo suado, relado e traumatizado, Fernando brada com uma expressão arrependida:

- Nunca... jamais... me deixo te desobedecer outra vez.

Postado por Caneta Divina às 08:05

Nenhum comentário:

Na aula posterior, apresentamos aos alunos o editor de texto *Microsoft Office Word*. Mostramos a tela inicial, como abrir um novo documento, apresentemos a barra

de ferramentas do *word*, o passo a passo para digitação e formatação de um texto. Na sequência, pedimos aos alunos que tivessem em mãos a crônica solicitada na aula anterior e no passo a passo da sequência didática, foi solicitado que a digitassem. Concluída essa etapa, mostramos aos discentes como selecionar o texto, mudar fonte, tamanho e cor, colocar negrito, itálico e sublinhado, fazer o alinhamento do texto. Mostramos ainda como recortar, copiar e colar; desfazer e refazer alterações no texto; utilizar da ortografia e gramática; inserir símbolos, imagens, tabelas e gráficos; definir parágrafos, espaçamento entre linhas; mostrar quebra de página, cabeçalho e rodapé; inserir número de páginas; inserir colunas. Apresentei ainda o *word art*. Por fim, salvamos o documento em uma pasta criada por eles, depois pedimos para imprimir a crônica digitada e entregá-la ao professor para correção.


Na aula de Língua Portuguesa, o professor fez a devida correção e, como mostrado anteriormente, guardou as melhores crônicas para divulgação no *blog*. O passo seguinte foi pedir aos alunos que fizessem individualmente uma crônica.

Ao longo deste processo, as crônicas foram escritas, corrigidas e reescritas várias vezes.

Neste momento, o professor apresentou a crônica a seguir.

segunda-feira, 30 de maio de 2016

UMA AULA DE CRÔNICA (Professor Ismael André)



Cheguei disposto a ensinar a construir crônicas, material todo pronto, esquematização do plano de aula estava perfeito nas minhas correntes cerebrais, que fizera durante toda madrugada no repouso da escuridão.

Início a minha aula, faço as considerações iniciais, e já estava adentrando ao conteúdo, quando fui interrogado:

- Mas professor, o que é crônica?

Tentei ser menos técnico do que de costume e disse que crônica era uma narrativa histórica que expõe os fatos do cotidiano seguindo uma ordem cronológica. Exemplifiquei que as mesmas são frequentes em jornais e revistas periódicas.

- Relaciono a crônica com a notícia. A notícia é o registro técnico do fato, a crônica, por sua vez, é a notícia idealizada numa linguagem poética, literária. O cronista é um literato que pode ser jornalista...

- Ah, professor, então minha vó é cronista!!!

- Ela faz crônica, Samuel? - fiz a pergunta num tom tão curioso.

- Ora se não faz!!! Ela é brilhante nisso...

- Meilaciono a crônica com a notícia. A notícia é o registro técnico do fato, a crônica, por sua vez, é a notícia idealizada numa linguagem poética, literária. O cronista é um literata que pode ser jornalista...

- Ah, professor, então minha vó é cronista!!!

- Ela faz crônica, Samuel? - fiz a pergunta num tom tão curioso.

- Ora se não faz!!! Ela é brilhante nisso...

- Tem textos publicados? - a euforia do amar escrever me deixava mais entusiasmado em conhecer uma conterrânea da minha modesta cidade. Afinal, nunca fui conhecedor que alguém naquela cidadezinha tivesse se destacado na literatura.

- Nada, professor!!! Minha vó nem sabe ler, que dirá escrever!!! O cronista não pode usar somente da fala?

- Na verdade, pode sim. Mas, o ideal é que se registre na escrita. Mas, por que você diz que sua vó é cronista, menino?

- Porque toda tarde, professor, ela senta na calçada, no que o senhor chama aqui de mesa redonda, mas não tem mesa... rrsrrs... com um grupo de amigas... e relata numa precisão tão grande, que até me admiro todos os fatos ocorridos na cidade... E são em ordem cronológica, narrados numa linguagem bem coloquial, em narrativas curtas...



- Sério?

- Sério! Ela comenta: Oh Comadre Maria, você viu que a menina do José passou na direção da rua do Hospital já era umas dez da noite e logo depois o filho da Alzira vinha de lá? Oh Comadre Joana, você viu que foi só o esposo de Antonieta sair e o vizinho passou para lá? Mas, Comadre Zefa, era umas quatro da manhã quando um carro rondava a praça, o que será que queria, será que vão assaltar o banco daqui?

E continuava a descrever a fala da avó, até que o interrompi:

- Samuel, sua vó sabe de tudo isso?

- E muito mais, professor!!! Inclusive hoje, ela me disse que o senhor

senta na calçada, no que o senhor chama aqui de mesa redonda, mas não tem mesa... rrsrrs... com um grupo de amigas... e relata numa precisão tão grande, que até me admiro todos os fatos ocorridos na cidade... E são em ordem cronológica, narrados numa linguagem bem coloquial, em narrativas curtas...



- Sério?

- Sério! Ela comenta: Oh Comadre Maria, você viu que a menina do José passou na direção da rua do Hospital já era umas dez da noite e logo depois o filho da Alzira vinha de lá? Oh Comadre Joana, você viu que foi só o esposo de Antonieta sair e o vizinho passou para lá? Mas, Comadre Zefa, era umas quatro da manhã quando um carro rondava a praça, o que será que queria, será que vão assaltar o banco daqui?

E continuava a descrever a fala da avó, até que o interrompi:

- Samuel, sua vó sabe de tudo isso?

- E muito mais, professor!!! Inclusive hoje, ela me disse que o senhor deixou a namorada em casa por volta de umas dez da noite de ontem e logo depois parou na praça e dizia ao celular: quando eu chegar em casa, eu resolvo seu problema, esquematizo tudo para amanhã e ponho nas suas mãos, porque só gosto de fazer isso de madrugada, na calmaria da noite.

Aos 24 de maio de 2016, precisamente às 12h48min.

Postado por Caneta Divina às 08:08 Nenhum comentário:



quinta-feira, 19 de maio de 2016

QUANDO A REALIDADE É FICÇÃO (Núbia Barbosa)

As crônicas dos alunos foram base para a aula de editoração de *slides*, dentre as quais a de uma aluna chamou atenção. Ela trouxe na crônica, intitulada Tudo é motivo

de crônica, a dificuldade de se fazer uma crônica. Foi um trabalho de metalinguagem que impulsionou a turma a desenvolver melhor o gênero.

CANETA DIVINA

A escrita nossa de cada dia mareando na web!!!

segunda-feira, 13 de junho de 2016

TUDO É MOTIVO DE CRÔNICA (Núbia Barbosa¹)

Em casa, me pus a me questionar: como é que meu professor me pede pra fazer uma crônica? Como se faz? Como posso fazer uma crônica, se não sou escritora? Se não sou cronista? Não sou um Fernando Sabino, um Veríssimo, um Scliar... eu não sei fazer crônica. Como fazer?...

Há dias me questiono sobre isso. Eu não sou cronista e estou sem assunto. Para quem escreve e tem esse dom é fácil. E para mim? Que até alguns dias não sabia nem o que era essa tal crônica. Alguns ainda tentam me ajudar:

- É só você contar um fato do dia-a-dia, que tenha acontecido com você ou outra pessoa.

Mas o que pode ter acontecido? Qual fato pode se tornar uma crônica? Não aconteceu nada, gente! Não adianta, não vou insistir em uma coisa que não sei. O professor nos deu um prazo, mas, infelizmente, ele vai me desculpar, não consigo, não sei escrever uma crônica.

Quando chego à escola, no fundo, no fundo, eu estava até com medo da bronca que eu ia levar, valia ponto de trabalho. Na hora da

tentam me ajudar:

- É só você contar um fato do dia-a-dia, que tenha acontecido com você ou outra pessoa.

Mas o que pode ter acontecido? Qual fato pode se tornar uma crônica? Não aconteceu nada, gente! Não adianta, não vou insistir em uma coisa que não sei. O professor nos deu um prazo, mas, infelizmente, ele vai me desculpar, não consigo, não sei escrever uma crônica.

Quando chego à escola, no fundo, no fundo, eu estava até com medo da bronca que eu ia levar, valia ponto de trabalho. Na hora da entrega, percebi que não era apenas eu que estava com esse problema, muitos não entregaram. Isso me acalmou, afinal, eu não era uma gota no oceano da dificuldade de se fazer crônicas.

Ao ver a dificuldade dos alunos, nosso professor nos deu outra chance. Deu-nos conselho, nos mostrou os escritos dos nossos colegas de classe que havia feito sem problema algum.

Naquele dia eu fui para casa, depois de ler as crônicas dos meus colegas, percebi que não é necessário eu ser uma grande escritora, mas sim, ser apenas eu mesma, e que eu sou capaz de fazer a minha própria crônica. Estava determinada e com um propósito firme!

Entendi que eu não preciso ser Fernando Sabino para escrever "Peladas", dos meninos que jogam bola perto da minha casa. Não preciso ser Veríssimo para escrever crônicas com "As mentiras que os homens contam". Não preciso ser ninguém, para escrever uma coisa que eu mesma sei, que às vezes apenas eu presenciei.

Do levantar ao deitar, ir na escola, ir a uma padaria comprar pão, ir jogar uma pelada com as amigas, um fato que me contaram. Tudo isso pode ser crônica. E agora eu sei que até o fato de eu não saber fazer uma crônica, é motivo de crônica.

Escrito no dia 01/06/2016, às 11h32m.

¹ = Núbia Barbosa é aluna do nono ano do Ensino Fundamental, tem apenas 13 anos.

Postado por Caneta Divina às 08:16 Nenhum comentário:

Por fim, nessa primeira parte, apresentamos aos alunos o ambiente virtual *online*, a internet. Mostramos-lhes como se dá o acesso às redes sociais, a realização

de pesquisas, o que são plágios e como devemos evitá-los. Orientamos o alunado a como fazer uma pesquisa segura, como detectar um *site* seguro. Por fim, acessamos vários blogs com eles, mostrando a importância do blog, como diário virtual e instruímos a criação de uma conta de *e-mail* pessoal. Depois de criarem o *e-mail*, mostramos o passo a passo de como utilizar o correio eletrônico. Para finalizar, deixamos como atividade o envio de todos os arquivos pessoais deles para o *e-mail* do professor e solicitamos que fizessem uma pesquisa sobre o surgimento do *blog*, sua importância no cotidiano das pessoas e qual sua utilidade para a educação moderna.

Como forma sucinta do que foi estudado, pedimos que a pesquisa fosse elaborada e enviada por *e-mail* para o professor e em grupo deveriam resumir a pesquisa e transformá-la em slides para apresentá-la em sala.

Dessa forma, concluímos o foco inicial de informática básica e partimos para as reelaborações das crônicas, de modo a construir novas versões e colocá-las à disposição do público virtual.

Diante desse cenário, podemos concluir que a informática contribuiu para a construção de um novo cotidiano escolar desses discentes, fazendo-os compreender o seu papel social diante da necessidade do aprendizado adquirido. Reforçando a importância da atuação do professor nesse contexto, Valente (2004) destaca que cabe a ele interagir com os alunos e criar condições para levá-los ao nível da compreensão, como, por exemplo, propor problemas para serem resolvidos e verificar se o problema foi resolvido corretamente.

O docente deve utilizar de proposições em que o aluno manipule as de aprender para transformar o meio em que vive. Foi oportunizado a todos entender que todo ser humano é capaz de aprender e de ensinar, e que, no processo de construção do conhecimento, todos os envolvidos aprendem e ensinam. O processo de ensino-aprendizagem é mais eficaz quando o educando participa, ele mesmo, da construção do seu conhecimento e não apenas aprendendo o conhecimento (GADOTTI, 1992).

Esse processo gerou a criação de um *blog*. De antemão, precisamos destacar a importância dessa ferramenta na construção da aprendizagem, em especial no processo de escrita. Um *blog*, *blogue*, *weblog* ou caderno digital é uma página da *Web* que permite o acréscimo de atualizações de tamanho variável chamados artigos ou

posts. Estes podem ser organizados de forma cronológica inversa ou divididos em *links* sequenciais, que trazem a temática da página, podendo ser escritos por várias pessoas, dependendo das suas regras.

Na verdade, o *blog* conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas disponibilizadas na internet por servidores e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um site ou domínio da internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai do site ou página atual e uma série de outras informações.

Os sistemas de criação e edição de *blogs* são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, pois dispensam o conhecimento de HTML, o que atrai pessoas a criá-los, conforme afirma Guttierrez (2004): o que distingue os weblogs das páginas e sítios que se costuma encontrar na rede é a facilidade com que podem ser criados, editados e publicados, sem a necessidade de conhecimentos técnicos especializados.

Devido a essa informação e aos serviços gratuitos, os *blogs* tiveram um crescimento considerável. A princípio foram usados, pelos jovens, como diário virtual, porém, na virada do século, passaram a ser utilizados como divulgador de temas e discursos variados num leque de possibilidades: entretenimento, corporativismo e atividades de profissionais como jornalistas, empresários, políticos, escritores, professores e alunos que aos poucos estão descobrindo e explorando a principal de suas características, a interatividade, que pode levar à formação de redes colaborativas de aprendizagem.

O que precisamos entender é que os *blogs* são espaços interativos, em que tudo pode ser publicado e dito, sem limites para o conteúdo, nem para quem pode ter um. Pessoas e comunidades, de qualquer idade ou região, podem criar um *blog* e postar as informações que julgarem importantes para tal. No caso desta pesquisa, o professor participante utilizou da principal dinâmica do *blog*: postar em ordem cronológica os principais textos de seus alunos, diferentemente de um diário, as postagens recentes dos *blogs* ficam no princípio, ou seja: o que o blogueiro escreveu por último, o usuário vê primeiro. Alguns *blogs* possuem um formato diferente, de acordo com as pessoas que o alimentam. Um exemplo é um *blog* em que as postagens

são divididas em pastas ordenadas em sequência necessária aos propósitos do alimentador e aos objetivos que se quer alcançar frente aos usuários.

Outra vantagem do uso dos *blogs* é a gratuidade oferecida, além de causar uma dinâmica comunicativa, quem escreve, escreve para alguém ler, que, porventura, poderá no *blog* dar um *feedback*, ou seja, por meio dos comentários, dá suas colaborações.

Depois de descritas essas características, bem como sua importância no meio social, podemos asseverar que uma das aplicações mais interessantes da *Web* para ambientes escolares é o *blog*, que conforme exposto anteriormente fornece a interatividade, a partir das postagens que vão desde um simples comentário até a inserção de artigos, imagens e vídeos.

Os *blogs* “são aplicativos fáceis de usar que promovem o exercício da expressão criadora, do diálogo entre textos, da colaboração [...] possuem historicidade, preservam a construção e não apenas o produto (arquivos); são publicações dinâmicas que favorecem a formação de redes”, explica Gutierrez (2003, p. 12). Os diários eletrônicos, observados nessa perspectiva, têm o poder de mudar o trabalho pedagógico promovendo o envolvimento dos participantes.

Podemos ainda mencionar que outra grande vantagem do uso do *blog* na educação, em especial na área de língua portuguesa, é a facilidade de o professor fazer intervenções, corrigindo e orientando todas as postagens, sem o limite de tempo imposto pela sala de aula, e da mesma forma o aluno pode realizar suas atividades no seu ritmo, conforme sua agenda e disposição. O *blog* acaba sendo um meio para a inserção de um sistema de educação a distância mistificando o processo de educação presencial.

Dessa maneira, o aluno tem ampliada sua liberdade de expressão, embora necessitando da ciência de que, uma vez postados, os seus comentários poderão ser vistos por todos, sem que possa controlá-los. Isso amplia a responsabilidade do professor blogueiro por tudo o que estiver publicado, bem como a do aluno que participa.

Para Moran (2007), quando focamos mais a aprendizagem dos alunos do que o ensino, a publicação da produção deles se torna fundamental. Dessa forma, o *blog*

pode constituir-se em um recurso de apoio à aprendizagem por ser um espaço de criação coletiva, que aproxima professores e alunos, sem contar que, com o uso das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação), a escola cumpre o seu papel de preparar o aluno para os desafios impostos pela sociedade, não na intenção da continuidade, mas da transformação da realidade que ora se apresenta.

Conforme afirma Freire (1996), ninguém ensina ninguém; desta forma, ninguém aprende sozinho. O autor ainda conclui dizendo que os homens aprendem em comunhão, mediatizados pelo mundo. Nesse sentido, fica clara a importância e eficiência dessa ferramenta virtual, do ponto de vista da construção do conhecimento na relação aluno-pensamento, que vai além da relação entre professor e aluno.

Mesmo sabendo que os *blogs* não foram criados para fins educacionais, temos visto que cada vez mais são utilizados no âmbito educacional, pela interatividade que promovem, permitindo um letramento digital, formando redes colaborativas no processo de construção dos saberes. O uso de um *blog* possibilita a retirada e fornecimento de informações e também favorece o desenvolvimento de um convívio ético, organizado e pautado pelos termos estabelecidos pelos usuários.

Assim, a escola proporciona a alunos e professores o uso de uma ferramenta interativa, cumprindo com sua função social, o que vem ao encontro das teorias sociointeracionistas, pois estimula educadores e alunos a exercerem sua autonomia no aprimoramento da comunicação. Barbosa e Granado (2004, p. 69) corroboram essa afirmação dizendo que “se há alguma área onde os weblogs podem ser utilizados como ferramenta de comunicação e de troca de experiências com excelentes resultados, essa área é sem dúvida, a da educação”.

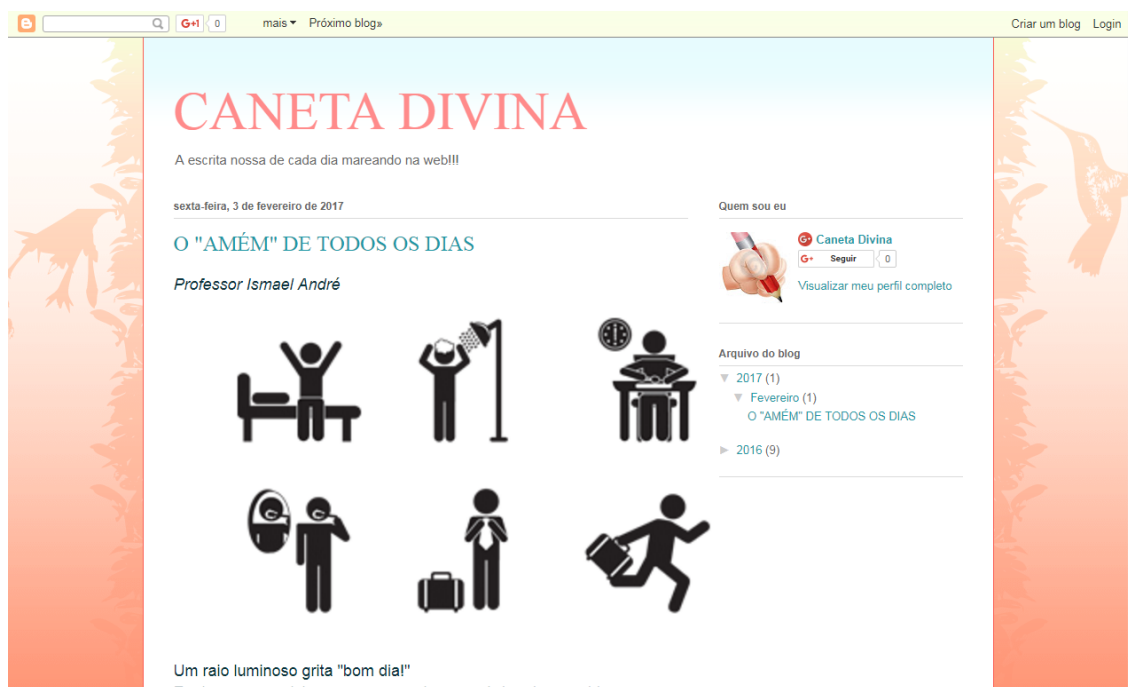
Por sua vez, Oliveira (2008) cita a possibilidade de desenvolver o papel do professor como mediador na produção de conhecimento, já que ele tem um papel ativo de instigar as discussões por meio de comentários, potencializando a interação entre a classe; incentivar a escrita colaborativa, a autoria, o pensamento crítico e a capacidade argumentativa; estimular o aprendizado extraclasse de forma lúdica; desenvolver a habilidade de pesquisar e selecionar informações.

Pautado por esse viés, este trabalho foca, exatamente, o propósito de apresentar o *blog* como ferramenta capaz de desenvolver o sistema de ensino-

aprendizagem na vertente do letramento digital, despertando, cada vez mais, a atenção de pesquisadores que buscam, em suas características, potencialidades para a educação. Gomes (2005), por exemplo, desenvolveu um estudo para sistematizar um conjunto de possíveis vertentes de exploração dos *blogs* no contexto escolar, usando uma abordagem que explora suas possibilidades como “recurso” e como “estratégia” pedagógica. Segundo ela, como recurso pedagógico os *blogs* podem ser: um espaço de acesso à informação especializada e/ou um espaço de disponibilização de informação por parte do professor. Já como estratégia pedagógica, os *blogs* podem assumir a forma de um portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração, um espaço de debate e integração.

Preferimos, assim, trabalhar o resultado final desta pesquisa como portfólio digital. Todavia, estaríamos centrados em Cotes (2007) e Von Staa (2005) que listam algumas vantagens e motivos para um professor criar um *blog*, dentre eles estão: aproxima alunos e professores; permite uma maior reflexão sobre o conteúdo e acerca de suas próprias colocações; é um exercício de alfabetização digital tanto para o próprio professor quanto para o aluno; amplia o horário da aula; permite o acompanhamento das atividades dos alunos por pais e a troca de experiências com colegas de profissão. Marinho *et al.* (2009) acrescentam um novo motivo: criar um blog é uma boa estratégia para o professor inserir-se de forma ativa na rede, iniciando sua cultura de uso de recursos da Web 2.0. Esse uso irá deixá-lo mais confortável para aplicá-lo juntos aos alunos.

Ao longo de todo o processo, nosso foco era o *blog*. Fizemos uma votação para escolher o nome a ser dado à ferramenta virtual que iria servir para publicar os escritos dos alunos. O *blog* foi intitulado *Caneta Divina*.



Para avaliar o uso dessa ferramenta de aprendizagem cooperativa, o professor pesquisador optou pela criação de um *blog* na disciplina Língua Portuguesa, com a turma de nono ano do ensino fundamental, do período vespertino, do Colégio Municipal Professora Rita Juventina de Souza, em Ruy Barbosa, no Rio Grande do Norte.

O professor sempre teve interesse em desempenhar sua profissão como práxis, definida por Freire (1984) como reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo. Além disso, sentiu a necessidade de melhorar a leitura e principalmente a escrita dos alunos, por meio da produção textual, exercitando, de fato, a comunicação.

A partir daí, o *blog* tornou-se um caminho para motivar os alunos, principalmente na socialização de seus conhecimentos. Depois de pesquisada e definida, a proposta inicial do *blog* foi apresentada aos alunos. Cheios de expectativa, os alunos chegaram ao laboratório de informática para conhecer a ferramenta. Esse momento constitui-se de extrema importância já que eles nunca tinham acessado um *blog* educacional.

Depois de criado e intitulado o *blog*, o professor trabalhou paralelamente o uso dos gêneros textuais, principalmente, crônicas. Este ato preocupante de se trabalhar a escrita nos remete a ideia de que, geralmente, quem não lê (ou lê mal) também escreve com dificuldade e apreende o mundo de maneira menos expressiva. O ideal seria que

todo ambiente ao redor do educando o incentivasse à leitura, não tendo, assim, apenas a escola como único local de acesso aos livros. Se infelizmente isso não ocorre, é preciso que o hábito da leitura seja desenvolvido de maneira adequado e prazeroso, útil e enriquecedor, ao universo escolar e à realidade social do aluno. Desse modo, teremos bons leitores e como consequência bons escritores.

Para tanto, nossa proposta com o letramento digital era finalizar nosso trabalho no *blog*, porém como alicerce à escrita do alunado, com a finalidade de desenvolver o gênero textual “crônica”. Para Bezerra (2002), o trabalho com gêneros textuais na sala de aula favorece a aprendizagem da oralidade, leitura e escrita de textos diversos, com funções específicas, visto que a orientação do professor não será mais a de considerar apenas o aspecto formal do texto escrito, mas o de proporcionar o uso efetivo de texto por parte dos alunos, abrindo-lhes oportunidades de se desenvolverem como cidadãos de uma sociedade letrada. Assim, a leitura e a escrita não serão apenas práticas escolarizadas.

O gênero crônica é importante para os alunos, pois por meio dele poderão conhecer diferentes textos, reconhecer ensinamentos e, a partir da observação de fatos do cotidiano, refletir sobre as virtudes humanas. Moisés (1979) explica que a palavra crônica vem do grego “*choronikos*” (relativo ao tempo), do latim *crhonica* que designa uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Atualmente, a crônica é um dos gêneros mais ricos da literatura brasileira, atingindo um grau de excelência a ponto de transformar-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público leitor.

Para apresentar o gênero textual, o professor pesquisador usou da metalinguagem, ou seja, da própria crônica para dizer o que é crônica e pôs o primeiro texto de sua autoria no *blog*.

[mais](#)
[Próximo blog»](#)

[Criar um blog](#)
[Login](#)

CANETA DIVINA

A escrita nossa de cada dia mareando na web!!!

segunda-feira, 30 de maio de 2016

UMA AULA DE CRÔNICA (Professor Ismael André)

Cheguei disposto a ensinar a construir crônicas, material todo pronto, esquematização do plano de aula estava perfeito nas minhas correntes cerebrais, que fizera durante toda madrugada no repouso da escuridão.

Início a minha aula, faço as considerações iniciais, e já estava adentrando ao conteúdo, quando fui interrogado:

- Mas professor, o que é crônica?

Quem sou eu

Caneta Divina

[Seguir](#) 0

[Visualizar meu perfil completo](#)

Arquivo do blog

- 2017 (1)
- 2016 (9)
 - Junho (1)
 - Maio (8)
 - UMA AULA DE CRÔNICA (Professor Ismael André)
 - QUANDO A REALIDADE É FICÇÃO (Núbia Barbosa)
 - SURPRESA (Lorena Alves)
 - REFLEXOS DE INTERESSES! (Professor Ismael André)
 - BLITS EM DOSE DUPLA (Professor Ismael André)
 - O SUSTO (Andreynah Cardoso e Loise Souza)
 - TEIMOSIA (Lorena Alves e Maria Núbia Barbosa)
 - COISAS DE POLÍTICO (Prof. Ismael André)

Primeira postagem no blog

- Mas professor, o que é crônica?

Tentei ser menos técnico do que de costume e disse que crônica era uma narrativa histórica que expõe os fatos do cotidiano seguindo uma ordem cronológica. Exemplifiquei que as mesmas são frequentes em jornais e revistas periódicas.

- Relacionamento a crônica com a notícia. A notícia é o registro técnico do fato, a crônica, por sua vez, é a notícia idealizada numa linguagem poética, literária. O cronista é um literato que pode ser jornalista...

- Ah, professor, então minha vó é cronista!!!

- Ela faz crônica, Samuel? - fiz a pergunta num tom tão curioso.

- Ora se não faz!!! Ela é brilhante nisso...

- Tem textos publicados? - a euforia do amar escrever me deixava mais entusiasmado em conhecer uma conterrânea da minha modesta cidade. Afinal, nunca fui conhecedor que alguém naquela cidadezinha tivesse se destacado na literatura.

- Nada, professor!!! Minha vó nem sabe ler, que dirá escrever!!! O cronista não pode usar somente da fala?

- Na verdade, pode sim. Mas, o ideal é que se registre na escrita. Mas, por que você diz que sua vó é cronista, menino?

- Porque toda tarde, professor, ela senta na calçada, no que o senhor chama aqui de mesa redonda, mas não tem mesa... rsrsrs... com um grupo de amigas... e relata numa precisão tão grande, que até me admiro todos os fatos ocorridos na cidade... E são em ordem cronológica, narrados numa linguagem bem coloquial, em narrativas curtas...

- Sério?

- Sério! Ela comenta: Oh Comadre Maria, você viu que a menina do José passou na direção da rua do Hospital já era umas dez da noite e logo depois o filho da Alzira vinha de lá? Oh Comadre Joana, você viu que foi só o esposo de Antonieta sair e o vizinho passou para lá? Mas, Comadre Zefa, era umas quatro da manhã quando um carro rondava a praça, o que será que queria, será que vão assaltar o banco daqui?



Núbia Barbosa)

COISAS DE POLÍTICO (Prof. Ismael André)



Diante disso, podemos corroborar com o que afirma Melo (1985), ao ressaltar que, no Brasil, a crônica é o relato poético do real, situada na fronteira entre a informação da atualidade e a narração literária, portanto, situa-se entre o jornalismo e a literatura, retratando a vida, diante de experiências comuns. Despretensiosa, humanizadora, ajuda a estabelecer ou restabelecer a dimensão dos acontecimentos e das pessoas, quase sempre com humor. A crônica representa o encontro mais puro com a vida real e com seu cúmplice favorito – o leitor. Todavia, apesar de seu ar despreocupado, de quem está falando coisas, sem preocupar-se com a consequência, esse gênero penetra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, aprofundando a crítica social.

Moisés (1979) assevera que quando o autor narra sua crônica, tudo o que diz parece ter acontecido de fato, como se os leitores estivessem lendo uma reportagem, como se os fatos acontecessem por acaso. Mas, na verdade, o autor sabe que nada é por acaso na construção do texto, pois o cronista tem de explorar as potencialidades da língua, buscando construções com várias significações, descortinando aos leitores uma paisagem até então esmaecida ou ignorada. Sua linguagem adquire logicidade e um ritmo próprio, repensando constantemente pelas vias de emoção aliadas à razão. É

fundamental que o cronista se defina em seu tempo e espaço, compondo uma cronologia, não limitadora, mas sim esclarecedora de sua relação com o mundo.

Podemos assim pontuar que a crônica é um pequeno oásis de prazer para quem a escreve e para quem a lê. É o grito de liberdade de um escrevente rebelde que insiste em temperar os fatos diários, insiste em ver o que a maioria não conseguiu assistir; por fim, insiste em revelar emoções para outros tantos que querem saber daquilo que na sua correria deixaram de perceber. (DIAFÉRIA, 1981).

Diante do cenário apresentado, o professor pôs-se no papel de animador da inteligência coletiva, levando o aluno ao conhecimento da ferramenta (o *blog*) e do gênero textual a ser estudado (a crônica) bem como sugerindo o tema a ser desenvolvido (sobre o lugar onde vive), integrando a aluno como colaborador e aprendiz no processo de leitura e escrita. Na oportunidade, os educandos tiveram sua primeira participação, registrando suas impressões e anotando detalhes importantes da aula.

Segundo Brasil (2008, p. 50-51), o professor de Língua Portuguesa precisa propiciar ao educando a prática, a discussão, a leitura de textos das diferentes esferas sociais (jornalística, literária, publicitária, digital, entre outras). Sobre o exposto, defende-se que as práticas discursivas abrangem, além dos textos escritos e falados, a integração da linguagem verbal com outras linguagens (multiletramentos), a saber:

[...] (as artes visuais, a música, o cinema, a fotografia, a semiologia gráfica, o vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, os quadrinhos, as charges, a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem), percebendo seu chão comum (são todas práticas sociais, discursivas) e suas especificidades (seus diferentes suportes tecnológicos, seus diferentes modos de composição e de geração de significados) (FARACO, 2002, p. 101).

Considerando o exposto, o professor selecionou crônicas que tratassem especialmente da realidade vigente. Os aspectos estudados mostram que a leitura dessas múltiplas linguagens, realizada com propriedade, garante o envolvimento do sujeito com as práticas discursivas, alterando “seu estado ou condição em aspectos

sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos” (SOARES, 1998, p. 18).

Uma das alunas, trouxe a seguinte crônica:



A crônica apresentada acima discorre sobre o cotidiano dos próprios alunos. Aliás, cada aluno pôde escrever cronicamente seu dia a dia, apresentando assim, os aspectos sociais, econômicos e culturais do lugar onde vive. Levamos ao *blog* as melhores crônicas, como forma de valorizar e expor o trabalho realizado pelos estudantes.

O espaço das postagens serviu ora ao professor, para lançar textos e propostas, ora aos alunos para publicar suas produções. A mediação, no caso do educador, é entendida por Vygostsky (1991) como necessária para o desenvolvimento potencial definido como as funções que possuem as bases necessárias para serem desenvolvidas. A esse processo ele chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal, ou seja:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKY, 1991, p.112).

Sem dúvida, o *blog* tornou-se um canal de comunicação e expressão diante das atividades apresentadas. A participação do alunado aconteceu de forma harmoniosa, o que muito contribuiu para que as atividades surtisses o efeito desejado pelo professor.

Mediante o que propomos, percebemos claramente que o uso do computador dinamiza as aulas e é fundamental quando se trata de explorar atividades em um *blog*. Considerando que a aprendizagem acontece também por um processo de motivação, optamos por distribuir três alunos por computador para garantir que, com menos máquinas ligadas, concluíssemos as atividades de cada aula.

O *blog* deu um novo direcionamento à escrita, que passou a ser vista pela rede, bem como ampliou a leitura dos alunos, que precisam realmente compreender o que leem, e por fim colaborou para que o aprendizado não se limitasse ao momento, mas que fosse possível retomá-lo, a qualquer hora, apenas voltando à ferramenta.

5 CONCLUSÃO

Não há como negar a real importância das novas tecnologias e seus artefatos na vida do homem contemporâneo, bem como os recursos ligados à internet como propagadores de informações que, disponíveis, geram mais comodidade e fácil acesso, facilitando o dia a dia do ser humano.

Nos últimos tempos, nossa rotina foi alterada à medida que as tecnologias afetaram nossas atividades cotidianas e se tornaram mais cômodas e ágeis. Será que imaginaríamos comprar e vender, conversar com pessoas, conhecer pessoas, estudar, entre outras tantas possibilidades que os recursos tecnológicos nos oferecem sem que saíamos de casa?

Para que tais fatos se concretizem não são necessários muitos esforços, basta apenas um clique para que possamos conhecer paisagens, lugares, museus, parques, navegar entre espaços que antes eram possíveis apenas conhecer fisicamente. Hoje, podemos ter acesso a qualquer informação, seja do nosso país, seja de qualquer outro, quase que instantaneamente.

Este cenário dos crescentes avanços das tecnologias perpetua novas demandas, principalmente novas competências de leitura e escrita, novas habilidades e conhecimentos específicos para que se possa usufruir de todas as potencialidades oferecidas. Na era da informação, o domínio das tecnologias se torna elemento indispensável para aqueles que desejam participar ativamente na vida digital.

Mediante tal contexto, este estudo vislumbrou conhecer a realidade de acesso aos dispositivos ligados à internet e oportunizar aos alunos se tornarem conhecedores e sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem na visão interdisciplinar.

Sabemos que o primeiro contato que muitos sujeitos têm com as tecnologias ainda acontece na escola, por isso ela precisa ser uma das propagadoras desse viés cognitivo. É, assim, na escola que os primeiros passos para a inclusão tecnológica devem ocorrer. Porém, infelizmente muitas escolas, professores e gestores não estão devidamente preparados para utilizar as tecnologias como recurso pedagógico. Além disso, há um elevado número de sujeitos que já dominam a tecnologia no seu cotidiano

e que, muitas vezes, é renegado pela escola como base e artefato de condução de conhecimento.

O que percebemos claramente é que nas escolas existe um conflito de gerações, onde “nativos digitais” (estudantes) e “imigrantes digitais” (professores) se veem frente às tecnologias olhando de forma diferente para uma temática essencial na sociedade atual.

Todavia, a escola não pode desconsiderar o conhecimento trazido pelos estudantes, pois eles participam ativamente desse processo; precisa considerar de suma importância toda bagagem oriunda das tecnologias como meio de construção de conhecimento, de forma a inseri-las gradativamente, tanto para professores quanto para os estudantes.

Nesse viés, o estudo realizado foi bastante oportuno, pois teve a finalidade de identificar as contribuições geradas por meio do letramento digital, com a criação de um *blog* destinado às publicações das produções textuais dos alunos. Podemos observar que, apesar de já vivermos em um mundo letrado e incorporarmos diversas práticas de letramento digital, como já mencionamos, ainda há muitas escolas e por consequência, professores, que ignoram as potencialidades das novas tecnologias e de seus artefatos como recursos didáticos em sala de aula.

É necessário que através de políticas públicas direcionadas, de gestores preocupados com o ensino-aprendizagem e de professores atentos às demandas oriundas do mundo moderno sejam implementadas e efetivadas práticas tecnológicas no fazer pedagógico. O ensino precisa acompanhar as mudanças e a escola precisa fazer parte dela e se encaminhar rumo a essas transformações.

O *blog* com objetivos de utilização educacional pode ser usado pedagogicamente para expor e divulgar projetos e produções textuais, conforme foi descrito neste trabalho. Além disso, pode-se por meio *blog* realizar trabalhos em regime de colaboração, espaço de interação que não se limita à sala de aula, tendo, assim, muito a contribuir com a aprendizagem, despertando no aluno maior interesse por aquilo que ele escreve.

Como vimos, o produto final deste trabalho foca no educando de forma que este passe a escrever não apenas para cumprir uma tarefa solicitada pelo professor, mas

uma tarefa que passa a ser divulgada e comentada por outros alunos. O enigma deste processo de escrita de um ou mais gêneros textuais divulgados na *internet*, dimensiona um sucesso, pois esta tarefa ganha uma dimensão mais profunda, o educando vai produzir com a intenção de que seu texto será lido, apreciado, comentado e compartilhado, ganhando de forma pragmática a visão social de sua escrita.

A dimensão do trabalho do educando ganha uma perspectiva que ultrapassa o ambiente escolar, ganhando outro mundo que não seja o real: o virtual. Estes aspectos mencionados foram, ao longo desta pesquisa, observados e concretizados, porém, vale ressaltar que nem todos os aspectos positivos foram autenticados em sua plenitude.

A falta das tecnologias digitais no cotidiano de alunos e professores, bem como a abertura da real concepção e importância destas na escola por parte dos gestores, ganha de forma consistente um entrave para que a pesquisa não fosse efetivada em sua totalidade. Defendemos que há urgência na promoção de ações que motivem toda a comunidade escolar, fazendo-a se apropriar do letramento digital, seja por meio do uso das tecnologias que concomitantemente vão surgindo, seja por meio dos novos gêneros digitais que nascem frutos das transformações e demandas sociais.

Diante deste cenário relevante no âmbito educacional, precisamos compreender que se a escola não propagar e for mentora neste processo de uso das tecnologias, o educando ficará sujeito às práticas sociais e de letramento que encontrará fora dos muros da escola.

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que as escolas públicas precisam investir nos laboratórios de informática, equipando-os com internet de qualidade, funcionando em perfeito estado, servindo com o real propósito da inclusão digital e auxílio tecnológico, além de ter um pessoal qualificado para atender seus usuários. Porém, ter os equipamentos funcionando é essencial, mas não é suficiente se não tivermos um alunado incentivado às práticas de letramento digital através de metodologias e práticas pedagógicas eficientes, vindas de professores comprometidos com a causa.

É notório que muitos professores não usam os espaços destinados às práticas de informática por não saberem usar um computador ou quaisquer que sejam os artefatos digitais. Professores que não fazem uso do computador como ferramenta

pedagógica porque não sabem usá-lo. O ato por si só de afirmarmos que falta investimento nesta área quanto à formação continuada não satisfaz a real necessidade, é imprescindível termos professores que reconheçam a importância de se apropriar dessas tecnologias que podem contribuir significativamente no seu fazer pedagógico e nos resultados de seu trabalho.

Não basta apenas ter acesso ao computador dentro ou fora da escola, mas é preciso planejar o uso crítico e eficaz dos recursos tecnológicos, visando à autonomia, criticidade e consciência cidadã do alunado. Cabe, portanto, à escola, aos gestores e, principalmente, aos professores um trabalho coletivo participativo que engaje a causa defendida neste trabalho, de modo a perpassar a dimensão do espaço escolar, contribuindo de forma significativa para um aprendizado mais dinâmico e amplo dos educandos que se inserem mais facilmente no mundo da virtualidade.

Diante do cenário apresentado, podemos aqui registrar a importância do PROFLETRAS na formação acadêmica de todos nós professores da área de linguagem. Este Programa, além de contribuir para a formação acadêmica, institui também como mentor de novas práticas pedagógicas no mundo da linguagem, inovando os espaços escolares com uma nova visão do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a realização desta pesquisa pelo professor contribui para a familiarização do profissional com letramentos necessários para mudanças nos paradigmas científico e educacional dominantes. Isso acontece em meio a disputas pela legitimação de diferentes vozes sociais representando universidade e escola. Tivemos aqui uma formação docente sustentável, orientada especialmente pela interdisciplinaridade e pela legitimação de conhecimentos práticos compartilhados por diversos professores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Fontes, 2003.

BARBOSA, E.; GRANADO, A. **Weblogs, Diário de Bordo**. Porto Editora, 2004.

BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. 2. ed. Oxford, UK: Blackwell, 2007.

BORBA, Marcelo C.; PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Coleção tendências em Educação Matemática.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUZATO, M. E. K. **Letramento e inclusão na Era Digital**. IEL/UNICAMP, Campinas, SP: Mimeo, 2006.

CHAMBERS, A; BAX, S. Making CALL work: Towards normalisation. **System**. v. 34, p. 465-479, 2006.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

COTES, P. Quer aprender? Crie um blog. São Paulo: **Revista Época**, ed. 456, 12 fev. 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76347-6014-456,00.html>. Acesso em: 08 maio 2017.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAFÉRIA, L. **Depoimento – Escritor brasileiro/81**. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1981.

FARACO, C. A. Área de Linguagem: algumas contribuições para sua organização. In: KUENZER, A. (Org.). **Ensino Médio** – construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. Juiz de Fora: Graal, 1992.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GOMES, M. J. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa**, Portugal: Leiria – 16-18 de novembro de 2005.

GUTIERREZ, S. de S. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia**: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de professores que cooperam em comunidades de pesquisadores. Porto Alegre-RS, 2003. p. 233. Dissertação de Mestrado em Educação. UFRGS. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital/2004-2/tese-edu-0432196.pdf> . Acesso em: 10 maio 2016.

GUTIERREZ, S. O fenômeno dos Weblogs: as possibilidades trazidas por uma Tecnologia de publicação na Internet. **Informática na Educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2004.

HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento**. A educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora, 2004.

HARASIM, L. et al. **Redes de aprendizagem**: um guia para ensino e aprendizagem online. Trad. Ibraima Dafonte Tavares. São Paulo: Senac, 2005.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

LACERDA, M. **Informática como disciplina obrigatória na educação básica**. Volume 1. Número 1 (2012).

LAKATOS, E; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A, **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E. P.U., 1986.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

MARCON, K.. **Inclusão digital**: apropriação dos meios de desafios emergentes. In: TEIXEIRA, Adriano Canabarro; MARCON, Karina. **Inclusão digital**: experiências, desafios e perspectivas. Passo Fundo: Editora Universitária, 2009.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem e Ensino**, Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

MARINHO, S. P.; TÁRCIA, L.; ENOQUE, C. F. O.; VILELA, R. A. T. Oportunidades e possibilidades para a inserção de interfaces da web 2.0 no currículo da escola em tempos de convergências de mídia. **Revista e-Curriculum**, PUCSP-SP, Volume 4, número 2, junho 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.com.br/ecurriculum> Acesso em: 20 maio 2017.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, B. **Designing Qualitative Research**. London: Sage Publications, 2006.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MOISÉS, M. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

OLIVEIRA, M. S. Gêneros Textuais e letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, 2010, p. 325-346.

OLIVEIRA, F. S. de. **Hipertexto e letramento midiático**: os novos recursos e a função do professor no processo de educação. Trabalho apresentado no 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2008.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. 1996. Un decálogo para la enseñanza de la producción de textos. **Cultura y Educación**, 3:31-41.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, análise linguística e proposta de intervenção. In: **Anais do I Congresso Latino-Americano de Professores de Línguas**. Florianópolis: EDUSC, 2007, p. 824-836.

PINTO, J. B. G. **Pesquisa-ação**: detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeo.

PRIMO, A. F. T.; RECUERO, R. da C.. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia. **Revista da FAMECOS**, n. 23, 2003, p.54-63.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos**: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, I. A. dos. Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. 1999. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, 11:5-16.

SHETZER, Heidi; WARSCHAUER, Mark. An electronic literacy approach to network-based language teaching. In: WARSCHAUER, Mark; KERN R. (Org.). **Network-based Language Teaching: concepts and practice**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

STAA, B. Von. **Sete motivos para um professor criar um blog**, 2005. Disponível em: <http://www.educacionalpositivo.com.br/articulas/betina_bd.asp?codtexto=636> Acesso em: 20 maio 2017.

SOARES, M. Be. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACOUR, E. (Org.). **A magia da linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999, p. 49-73.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.** [online] v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TAJRA, S. F. **Informática na Educação: Novas Ferramentas Pedagógicas para o Professor da Atualidade**. São Paulo: Érica, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VALENTE, J. A. **Educação ou aprendizagem ao longo da vida?** *Revista pedagógica Pátio*. Porto Alegre: Artmed. Ano VIII, n. 31, ago/out. 2004.

VALENTINI, C.; SOARES, E. M. do S. **Docência na cultura digital: reflexões a luz da biologia do conhecer**. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 36, n.61, 326-38, jul.-dez. 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, [1934] 1991.

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento digital e ensino**. (2002). Disponível em: <www.ufpe.br/nehte/artigos/letramento%20digitale%ensino.pdf> Acesso em: out. 2015. Site visitado: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PARA DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO

01. Qual é o seu gênero?

- (1) Masculino.
- (2) Feminino.

02. Qual será sua idade em 31 de dezembro de 2015?

03. Onde você reside?

- (1) Zona Urbana
- (2) Zona Rural

04. Qual é a sua situação habitacional?

- (1) Casa própria.
- (2) Casa alugada.
- (3) Casa cedida. Caso responda sim, por quem?
- (4) Outra?

05. Qual é a profissão de seu pai ou responsável? (Se ele for falecido, pule para a próxima questão)

06. Qual é a profissão de sua mãe ou responsável? (Se ela for falecida, pule para a próxima questão)

07. Qual é a renda total mensal de sua família? (Considere a soma de todos os salários dos membros de sua família. SM = Salário Mínimo Nacional). Não considere os Programas sociais como renda.

- (1) Até meio salário mínimo (R\$ 394,00)
- (2) De meio salário mínimo (R\$ 394,00) até um salário mínimo (R\$ 788,00)
- (3) De 1,0 a 2,0 SM ou de R\$ 788,00 a R\$ 1.576,00.
- (4) De 2,0 a 3,0 SM ou de R\$ 1.576,00 a R\$ 2.364,00.
- (5) De 3,0 a 4,0 SM ou de R\$ 2.364,00 a R\$ 3.152,00.
- (6) 4,0 ou mais: R\$ 3.152,00 ou mais.

08. Você ou alguém da sua família recebe algum tipo de auxílio do governo ou do município? (exemplo: bolsa família, distribuição de leite e/ou cesta básica e outros)

- (1) Sim

(2) Não

Caso responda sim, quais? (discriminar todos os auxílios recebidos)

09. Quantas pessoas vivem da renda familiar indicada anteriormente?

(1) Uma.

(2) Duas.

(3) Três.

(4) Quatro.

(5) Cinco.

(6) Seis ou mais.

APÊNDICE B – Diagnóstico instrumental para aferição da problemática

01 – Você faz uso de algum tipo de dispositivo conectado à internet?

02 – Que tipo de dispositivo, por exemplo?

03 – Onde você tem acesso à internet?

04 – Você faz uso do celular em sala de aula?

05 – Em casa, você utiliza a internet?

06 – Quanto tempo você passa na internet?

07 – O tempo que você passa na internet é controlado por seus pais/ responsáveis?

08 – Que sites você costuma acessar?

09 – Através de que meio você conhece os sites que acessa?

10 – Você concorda que os dispositivos conectados à internet auxiliam no aprendizado dos conteúdos escolares? Por quê?

11 – Como você utiliza as informações veiculadas pela internet para o seu aprendizado escolar?

12 – Você sente dificuldades em utilizar os dispositivos conectados à internet a favor de sua aprendizagem? Quais?

13 – A que você atribui a ocorrência dessas dificuldades?

14 – Quais dos dispositivos são úteis para o seu desempenho nas tarefas escolares?

15 – Com que frequência os dispositivos conectados à internet são utilizados nas práticas escolares?

16 – Em sua opinião, o que justifica o uso ou o não uso de dispositivos conectados à internet em atividades de sala de aula por parte dos professores?

17 – O que poderia ser feito na escola para orientar o uso dos dispositivos conectados à internet em prol da aprendizagem dos alunos?

APÊNDICE C – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TEMA: AS NOVAS TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA MELHORIA DA ESCRITA

APRESENTAÇÃO

As novas tecnologias, nos últimos tempos, vem adquirindo cada vez mais relevância na vida das pessoas. Isso se deve a sua utilização diária que já é vista como instrumento de aprendizagem e sua ação no meio social vêm aumentando de forma rápida entre as pessoas. A cada dia, cresce o número de famílias que possuem em suas residências um computador ou dispositivos tecnológicos. A geração *infantojuvenil* moderna dificilmente não conheça um artefato tecnológico, principalmente ligado à *internet*. O que se sabe é que *essas* ferramentas estão auxiliando e mostrando a sociedade um novo jeito de aprender e ver o mundo.

Durante este trabalho, iremos não só dar condições de aquisição de conhecimento de *hardwares* e *softwares*, como também iremos utilizar o conteúdo programado, o gênero textual crônica, do 9º ano do Ensino Fundamental na área de Língua Portuguesa como mecanismo de concretização do que foi assimilado pelos educandos.

CONTEÚDO ABORDADO:

- Introdução à Informática;
- Sistema Operacional Windows XP (básico);
- Editor de Texto – Microsoft Office Word 2010;
- Editor de Slides – Microsoft Office Power Point 2010;
- Internet.
- Gênero Textual: Crônica
- Produção de crônicas
- Escrita e reescrita de textos

OBJETIVO GERAL:

Conhecer os artefatos tecnológicos e aprender a utilizar de suas ferramentas para o desenvolvimento educacional dos educandos, em especial, na

melhoria da qualidade de ensino do processo da escrita, tornando esta proficiente no cotidiano dos discentes.

QUADRO SINTÉTICO (AULAS)

Cada dia de aula programado corresponde a duas aulas de 45 min/cada.

DATA	OBJETIVOS	CONTEÚDO
15/03 22/03	Conhecer a utilidade do computador; Ligar/desligar o computador; Identificar os componentes do computador e suas funções.	Introdução à informática: 1) Informações gerais 2) Utilidade do computador 3) Componentes do computador e suas funções 4) Principais cuidados: Hardware / Software / Periféricos / Acessórios 5) Bit e Bytes? 6) Vírus; 7) Antivírus
29/03	Abrir programas através do botão iniciar; Conhecer o funcionamento do Windows Explorer; Saber trabalhar com arquivos e pastas;	Sistema Operacional Windows XP (básico): 1) Introdução 2) Iniciando o Windows 3) Área de trabalho 4) Ícones 5) Barra de tarefas 6) O botão iniciar 7) Janelas 8) Salvando arquivos 9) Meu computador 10) Windows explorer 11) Exibir o conteúdo de uma pasta 12) Criar nova pasta 13) Renomear uma pasta 14) Copiar, recortar e colar arquivos 15) Aparência do Windows 16) Lixeira do Windows 17) Esvaziando a lixeira 18) Desligando o Windows XP
05/04 12/04 19/04	Criar novos documentos no Word; Editar, formatar o texto com os recursos do Word; Inserir imagens, símbolos, tabelas no documento do Word.	Editor de Texto Microsoft Word 2010: 1) Introdução 2) Conhecendo a tela inicial 3) Iniciar um novo documento 4) Configurando a página 5) Salvar um documento 6) Fechar um documento 7) Abrir um documento 8) Selecionar texto 9) Fonte, tamanho e cor 10) Negrito, itálico e sublinhado 11) Alinhamento do texto 12) Números e marcadores 13) Recortar, copiar e colar texto 14) Desfazer e refazer alterações 15) Localizar e substituir texto

		16) Ortografia e gramática 17) Inserindo símbolos 18) Quebra de página 19) Cabeçalho e rodapé 20) Definindo parágrafo/Recuar parágrafos 21) Espaçamento da linha 22) Tabela 23) Números de páginas 24) Inserir imagens 25) Formatando a imagem no documento 26) Texto em colunas 27) Bordas e sombreamento 28) Wordart 29) Visualizar impressão/Imprimir um documento
26/04 03/05 10/05	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criar apresentações no Power Point; ✓ Editar, formatar apresentações com os recursos do Power Point; ✓ Inserir imagens, símbolos, tabelas, vídeos, áudios nas apresentações do Power Point. 	Editor de Slides Microsoft Power Point 2010: 1) Introdução 2) Conhecendo a tela inicial 3) Iniciar uma nova apresentação 4) Configurando a página 5) Salvar um documento 6) Fechar um documento 7) Abrir um documento 8) Selecionar texto 9) Fonte, tamanho e cor 10) Negrito, itálico e sublinhado 11) Alinhamento do texto 12) Números e marcadores 13) Recortar, copiar e colar texto 14) Desfazer e refazer alterações 15) Localizar e substituir texto 16) Ortografia e gramática 17) Inserindo símbolos 18) Quebra de página 19) Cabeçalho e rodapé 20) Definindo parágrafo/Recuar parágrafos 21) Espaçamento da linha 22) Tabela 23) Números de páginas 24) Inserir imagens 25) Formatando a imagem no documento 26) Texto em colunas 27) Inserindo vídeos 28) Inserindo áudios 29) Visualizar impressão/Imprimir um documento
17/05	Aprender a acessar com segurança páginas na <i>web</i> ; Aprender a realizar pesquisas em sites seguros; Construir <i>blogs</i> ; Criar <i>e-mails</i> .	O acesso à internet: 1) Acesso à redes sociais; 2) Realização de pesquisas; 3) O plágio eletrônico; 4) Acesso a blogs e sites de notícias; 5) Acesso a site de criação de <i>blogs</i> ; 6) Criação de <i>e-mails</i> .

DESENVOLVIMENTO

As aulas desenvolvidas sobre as novas tecnologias serão no contraturno no laboratório de informática.

1ª ETAPA (04 aulas de 45min./cada): Num primeiro instante iniciar fazendo algumas perguntas aos alunos: O que você entende por informática? Onde a informática está presente nos dias de hoje? Qual a importância do computador? Que artefatos tecnológicos você usa no seu dia a dia?

É importante neste momento deixar os alunos a vontade, em seguida, mostre para eles que a Informática é a ciência que estuda o tratamento automático das informações (ou dados). E que dados são toda informação passada ou recebida do/ou para o computador.

Ministre com clareza a utilidade do computador, mostrando (se possível, desmonte um computador antecipadamente) os componentes do PC e suas funções. Detalhe o que são *hardware*, *software*, periféricos de entrada e de saída e acessórios; o que são *bit* e *bytes*.

Nesta aula, ainda se faz necessário conversar e mostrar o perigo cibernético com os dados em uso ou armazenados no computador por meio dos vírus. Aproveite o ensejo e explique o que são vírus e quais as importâncias dos antivírus no combate ao perigo virtual.

2ª ETAPA (02 aulas de 45 min/cada): A ideia inicial é fazer um “*backup*” da aula anterior, pedindo que em duplas, os alunos sintetizem o que aprenderam. O professor deve deixar para uso dos alunos o PC desmontado para que possam se familiarizar com os componentes de *hardware*.

Em seguida, é hora de apresentar os fundamentos necessários do sistema operacional (*software*), seus recursos, suas ferramentas mais básicas de utilidade do cotidiano.

Apresente o Sistema Operacional *Windows XP* (básico) o utilizado nos PCs modernos, detalhe: área de trabalho; ícones; barra de tarefas; botão iniciar; janelas; salvando arquivos; meu computador; *Windows Explorer*; exibir, criar e renomear pastas; copiar, recortar e colar arquivos; Aparência do *Windows*; lixeira; desligando

o *Windows*.

OBS.: Em sala de aula, no turno normal, o Professor de Língua Portuguesa deve trabalhar o gênero textual crônica. Apresente o gênero à turma, leve diversas crônicas para socialização e um texto base que contemple a estruturação de uma crônica. Desenvolva atividades de interpretação textual a partir de crônicas.

ATIVIDADE EXTRACLASSE: Nesta atividade, proponha que, em dupla, os alunos se organizem e desenvolvam uma crônica, deixando a temática livre. Peça-lhes que a tragam na próxima aula para o Laboratório de Informática.

3ª ETAPA (04 aulas de 45 min/cada): Sempre, num primeiro momento da aula, faça um resumo da aula anterior. Para esta aula, peça aos alunos que formem duplas.

Nesta etapa, apresente aos alunos o editor de texto *Microsoft Office Word*. Mostre a tela inicial, abra um novo documento, apresente a barra de ferramentas do *word*, mostre o passo a passo para digitação e formatação de um texto.

Em seguida, peça aos alunos que tenham em mãos a crônica solicitada na aula anterior.

Na sequência, peça-lhes para digitar a crônica. Quando concluída essa etapa, mostre aos discentes como selecionar o texto, mudar fonte, tamanho e cor, colocar negrito, itálico e sublinhado, fazer o alinhamento do texto. Mostre ainda como recortar, copiar e colar; desfazer e refazer alterações no texto; utilizar da ortografia e gramática; inserir símbolos, imagens, tabelas e gráficos; definir parágrafos, espaçamento entre linhas; mostrar quebra de página, cabeçalho e rodapé; inserir número de páginas; Inserir colunas; Apresente ainda o *word art*. Por fim, ensine a salvar o documento numa pasta criada por eles, depois peça-os para imprimir a crônica digitada e entrega-la ao professor para correção.

4ª ETAPA (04 aulas de 45min./cada): Nesta etapa, é a vez de apresentar ao alunado o editor de slides, o *Microsoft Word Power Point*. O professor, a exemplo do que fez no editor de texto, apresentará seguindo o passo a passo anterior, fazendo ressalvas apenas na configuração dos slides, bem como a inserção de vídeos e áudios na apresentação.

Aqui, o Professor irá entregar corrigidas as crônicas produzidas em dupla, pedirá

que os alunos abram suas pastas e o arquivo da crônica e façam os devidos ajustes. Em seguida, depois de corrigidas nos arquivos, os alunos irão transpor para slides as crônicas, ou seja, criar uma apresentação com a crônica produzida. Após concluir esta atividade com a devida orientação do Professor, os alunos salvarão o arquivo em suas pastas e imprimirão a apresentação.

OBS.: Na aula de língua portuguesa, os alunos irão apresentar seus trabalhos produzidos nas aulas do contraturno. Nessa mesma aula, o professor solicitará uma nova crônica com temática: o lugar onde eu vivo. Os alunos devem entregar na aula seguinte de língua portuguesa, o professor fará a correção e os alunos irão levá-las para aula seguinte de informática.

5ª ETAPA (02 aulas de 45 min/cada): Neste momento, os alunos trarão as crônicas produzidas individualmente e irão, sempre com a assessoria do Professor, digitar no word, salvar nas suas pastas e imprimir. Depois, irão formatá-las em slides para apresentação na sala de aula.

6ª ETAPA (04 aulas de 45min/cada): Por fim, apresente aos alunos o ambiente virtual *online*, a *internet*. Mostre como se dá o acesso as redes sociais, a realização de pesquisas, o que são plágios, como devemos evitá-los. Oriente o alunado a como fazer uma pesquisa segura, como detectar um *site* seguro. Por fim, acesse a vários blogs com eles, mostre a importância do blog, como diário virtual e instrua a criação de uma conta de *e-mail* pessoal. Depois de criarem o *e-mail*, mostre o passo a passo de como utilizar o correio eletrônico.

Para finalizar, deixe como atividade o envio de todos os arquivos pessoais deles para o *e-mail* do Professor.

ATIVIDADE **EXTRACLASSE**: Peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre o surgimento do *blog*, sua importância no cotidiano das pessoas e qual sua utilidade para educação moderna. A pesquisa deve ser elaborada conforme orientados e enviada por *e-mail* para o Professor. Em grupo (cinco componentes), a mesma pesquisa será transformada em apresentação de slides e apresentada em sala.

OBS.: Em sala (nas aulas de língua portuguesa) discutirão o nome para o *blog* que será produto final desta sequência didática. As melhores produções, analisadas

pelos professores de língua portuguesa, serão publicadas no *blog*. Na aula seguinte, o professor deve apresentar em sala de aula o *blog* para toda a turma.

O nome escolhido para o *blog* foi *Caneta Divina*. Nele, os alunos publicaram suas crônicas e viram a possibilidade de mostrar suas produções com a devida qualidade que deve ter um trabalho escolar. Para tanto, primaram por escrever dentro dos padrões da norma culta, obedecendo às características do gênero crônica. Abaixo, seguem a primeira página do *blog* e uma das crônicas produzidas pelos alunos.

Dissertação - valdenides x (86) FarmVille 2 no Faceb x CANETA DIVINA x Valdenides

canetadivina.blogspot.com.br

Apps Facebook Google www.mcc.ufm.br/port bibliografia Publique seu artigo n Una lectura para hoy: >> Outros favoritos

mais Próximo blog» Criar um blog Login

CANETA DIVINA

A escrita nossa de cada dia mareando na web!!!

segunda-feira, 13 de junho de 2016

TUDO É MOTIVO DE CRÔNICA (Núbia Barbosa¹)

Em casa, me pus a me questionar: como é que meu professor me pede pra fazer uma crônica? Como se faz? Como posso fazer uma crônica, se não sou escritora? Se não sou cronista? Não sou um Fernando Sabino, um Verissimo, um Scliar... eu não sei fazer crônica. Como fazer?...

Há dias me questiono sobre isso. Eu não sou cronista e estou sem assunto. Para quem escreve e tem esse dom é fácil. E para mim? Que até alguns dias não sabia nem o que era essa tal crônica. Alguns ainda tentam me ajudar:

- É só você contar um fato do dia-a-dia, que tenha acontecido com você ou outra pessoa.

Quem sou eu

Caneta Divina

Seguir 0

Visualizar meu perfil completo

Arquivo do blog

2016 (9)

Junho (1)

TUDO É MOTIVO DE CRÔNICA (Núbia Barbosa¹)

Maio (8)

Área de Trabalho PT 08:46 26/11/2016

Dissertação - valdenides x (86) FarmVille 2 no Faceb x CANETA DIVINA x Valdenides

canetadivina.blogspot.com.br

Apps Facebook Google www.mcc.ufm.br/port bibliografia Publique seu artigo n Una lectura para hoy: >> Outros favoritos

O SUSTO (Andreynah Cardoso e Loise Souza)

Naquela casa, moravam três irmãos que muito se amavam, mas brigavam muito e seus pais já não aguentavam.

Todos os dias, haviam as mesmas discussões:

- Feia! Você é feia - dizia o irmão mais novo.

- Baleia assassina - dizia a outra irmã.

Esses xingamentos eram rotineiros com a pobre irmã que tinha uns quilinhos a mais.

Um dia, ela resolveu se vingar. Se esconder atrás de uma porta do armário e resolveu fazer um grande susto. Segurou na mão uma faca de serra e uma toalha escura. Quando os irmãos se aproximaram, ela jogou a toalha na direção deles e apontou a faca.

Foi uma gritaria tremenda. O irmão mais novo do susto teve um pré-infarto e acabou sendo levado ao hospital.

Em casa, chorando, os irmãos prometeram nunca mais brigarem ou usarem de preconceitos...

Área de Trabalho PT 08:49 26/11/2016

SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

O processo de avaliação é contínuo, ou seja, os alunos serão avaliados a partir das discussões e das atividades realizadas, observando sempre a participação individual e coletiva na construção do conhecimento.

RECURSOS DIDÁTICOS

Computador
Projetor multimídia
Impressora
Internet
Material impresso (textos)
Caixas de som
Quadro branco
Piloto para quadro branco

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, C. V. O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, mar./abr., 1998, p.36-45.

SANTANA, J. C.; MEDEIROS, Q. **A utilização do uso de novas tecnologias no ensino de ciências**. UFRPE. 2008.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas; São Paulo: UNICAMP/NIED, 1993.

TAJRA, S. F. **Informática na educação**: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. 2. ed. São Paulo: Érica, 2000. 143 p.